

Gazeta das Aldeias

N.º 2428

1 DE AGOSTO DE 1960



Sala _____
Est. _____
Tab. _____
N.º _____

Siga-me... Acompanha-nos a melhor Jenieca!



Motocultor L5-H 13 HP, O MAIS MODERNO E POTENTE DO MERCADO
(Via regulável entre 70 e 108 cms.)

Faz todos os trabalhos agrícolas e... REBOCA 1.800 Kgs.

ISENTO DE CARTA DE CONDUÇÃO

BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ

Tractor T5-13 HP, um gigante com corpo de anão

- Motor Hatz, diesel
- 10 velocidades
- Via regulável entre 89 e 105 cms.

.....

As máquinas BUNGARTZ já trabalham desde o Minho ao Algarve.

.....

Consulte-nos sobre o equipamento que lhe convém.



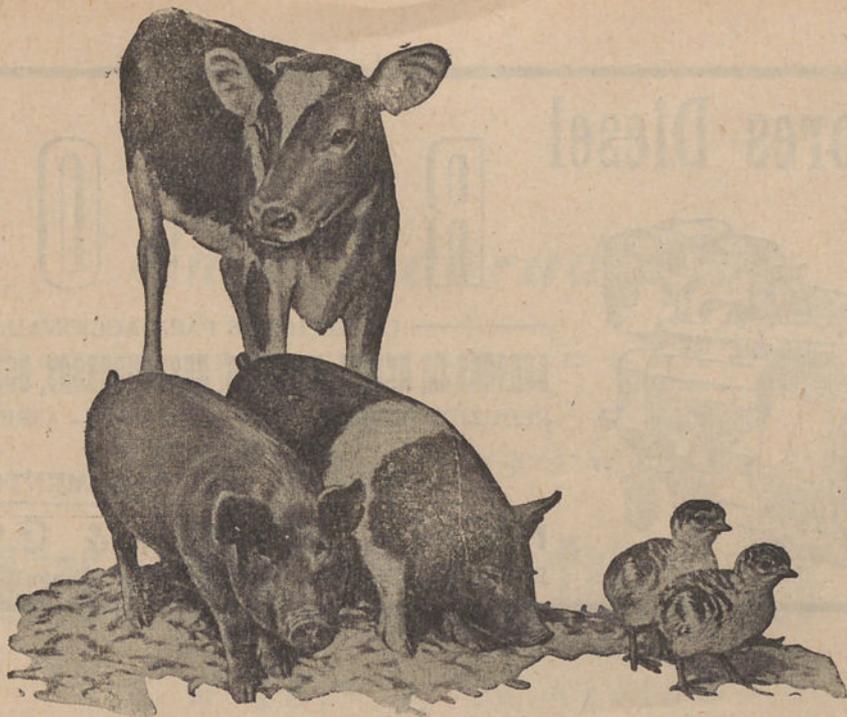
RAMO AGRÍCOLA DA

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

75 — Galeria de Paris — 77

PORTO

Telef. 25397



AUMENTE OS SEUS LUCROS

O **Aurofac*** é o produto que contém a Aureomicina*, (clorotetraciclina) e o seu uso permanente nas rações proporcionar-lhe-á:

- 1.º Diminuição da mortalidade;
- 2.º Mais porcos por ninhada;
- 3.º Aumento do índice de crescimento e de engorda;
- 4.º Mais aumento de peso;
- 5.º Menor consumo de ração.

DANDO AOS PORCOS
RAÇÕES QUE CONTENHAM

AUROFAC*

O uso diário do **Aurofac** nas rações permite que os porcos atinjam os pesos de abate 2 ou 3 semanas mais cedo. O uso diário do **Aurofac**, nas rações, poupar-lhe-á tempo e dinheiro.

Utilize o **Aurofac** nas rações dos porcos e será largamente compensado

Peça ao seu fabricante ou fornecedor, rações contendo **Aurofac**

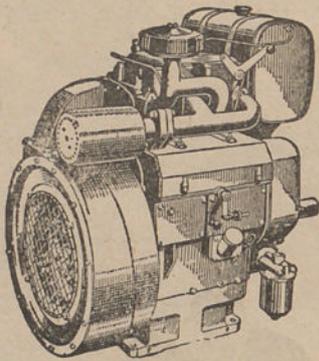
* *Marcas Registradas*

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
30 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. Exclusivos para Portugal e Ultramar:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.ª
Rua Conde de Redondo, 64 - LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º - PORTO

Motores Diesel



RUSTON

OS MELHORES PARA ACCIONAMENTO DE
LOGARES DE AZEITE, MORGENS, DEBULHADORAS, BOMBAS, ETC.
REDUZIDO CONSUMO — ROBUSTOS — ARREFECIDOS
POR AR OU ÁGUA

FACILIDADES DE PAGAMENTO

HARKER, SUMNER & C.^a, L.^{da}

PORTO—38, R. de Ceuta, 48 14, L. do Corpo Santo, 18—LISBOA

3074

Bosch

BOMBAS E INJECTORES
PARA TRATORES E SUA REPARAÇÃO
COM PEÇAS GENUINAS BOSCH

E. T. ROBERTO CUDELL, L.^{DA}

PORTO

R. Faria Guimarães 863
R. Passos Manuel 30

LISBOA

112 Áv. Duque Loulé 120



2738

Lãs * Sedas
Algodões
Atoalhados
Malhas interiores
Malhas exteriores
Camisaria

VENDEMOS MAIS BARATO

Armazéns Cunhas

PORTO

ENVIAMOS SEMPRE AMOSTRAS SOLICITADAS

8618

Snr. Lavrador

F a ç a a s s u a s c o n t a s !

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amoniaco C. U. F. Concentrado

com 26,5 % de Azoto

(Metade nítrico * Metade amoniaco)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

Pode aplicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA



Companhia União Fabril

L I S B O A

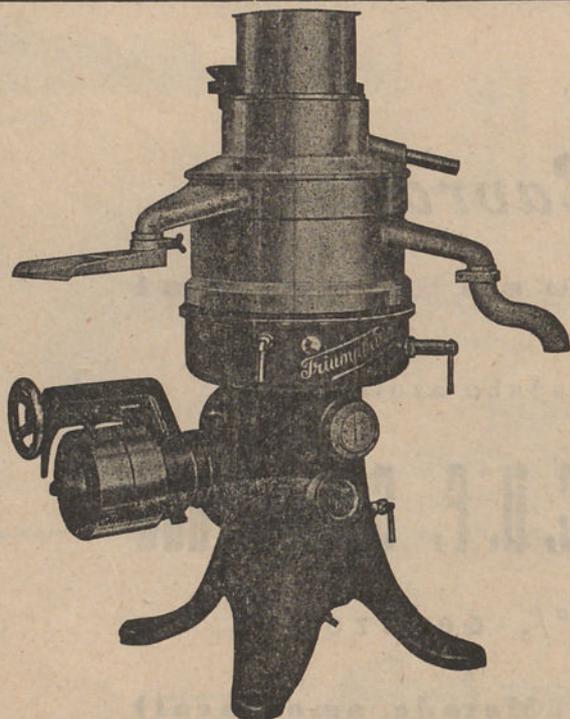
R. do Comércio, 49



P O R T O

R. Sá da Bandeira, 84

DEPÓSITOS E REVENDADORES EM TODO O PAÍS



TRIOMPHE

SEPARADORA-CLARIFICADORA PARA
AZEITE E CALDAS OLEAGINOSAS

MÁQUINA SUÍÇA DE PRECISÃO

O mais aperfeiçoado, simplificado e moderno dos
diversos tipos existentes

3857

Recomendada para lagares de azeite

DIVULGADA POR TODO O PAÍS

Exposição e Vendas:

Av. Almirante Reis, 80-B a 80-E

Telefs.: 52360-53135-55354

LISBOA

Sociedade Industrial Agro-Reparadora, L.da

À lavoura em geral e aos criadores de gado em especial

O sucesso que tem obtido os alimentos concentrados SOJAGADO é já hoje indiscutível
Todos os Grémios da Lavoura nos têm manifestado o apreciável valor da SOJAGADO

- SOJAGADO N.º 1 — para vacas leiteiras
- SOJAGADO N.º 2 — para gado vacum em geral
- SOJAGADO N.º 3 — para porcos
- SOJAGADO N.º 4 — para aves e galináceos
- SOJAGADO N.º 5 — para aves até 8 semanas

3554

SOJAGERME — Proteínas + Gordura 36% (este para desdobramento e composição de rações)

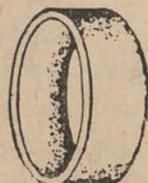
SOJA PURA EXTRACTADA

Não engane o seu gado com alimentos pobres porque se engana a si próprio

SOJA DE PORTUGAL, LDA. * FÁBRICAS EM OVAR — Telef. 63

Escritórios em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, 38, 1.º — Telefs. 23830 e 27806

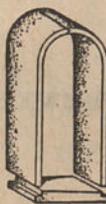
Os pedidos podem ser feitos directamente aos n/ escritórios ou ao Sr. António Câmara
Cordovil, Rua de Campolide, 55, 1.º, dt.º, Lisboa — Tel. 685262.



Argola para poços



Tubos de cimento



Peças para minas

3199

A INDÚSTRIA DO BARREIRO

VILA NOVA DE FAMALICÃO—Telef. 115

Fábrica de: Tubos de cimento para a condução de água a qualquer pressão, Blocos, Argolas para poços, Peças para minas, Postes para Iluminação Pública, Barricas em cimento para sulfatação. Chamamos a atenção para as peças para minas, tubos e argolas de cimento, por ser um fabrico ainda bastante desconhecido e de duração sem confronto. Armazém de: Ferragens, Drogaria, Telha, Cimentos, Cal hidráulica, Cal gorda, Sal, Adubos químicos, etc.

NOVOS PROCESSOS DE CONSERVAÇÃO

DA

BATATA



— *BIKARTOL* —

PREVENTIVO CONTRA O GRELAMENTO E APODRECIMENTO

Além das propriedades acima anunciadas, **evita as perdas de peso por desidratação**. Numerosas aplicações, efectuadas na passada campanha, pelos Srs. Lavradores, nossos estimados clientes, demonstraram ser este produto de **extraordinária eficácia, económico e de fácil aplicação**. Usar 1,2 a 2 kgs. de produto por tonelada de batatas.

— *KARSAN* —

PREVENTIVO CONTRA O APODRECIMENTO

Evitando também as perdas de peso por desidratação. Pode-se aplicar mesmo na batata de semente, pois **não afecta as propriedades germinativas** dos tubérculos. Permite conservar uma tonelada de batata (mais de 66 arrobas) com cerca de 400 grs. de produto.

Tanto o *BIKARTOL* como o *KARSAN* **não dão mau sabor nem cheiro** às batatas, **nem são perigosos para a saúde humana**. São ambos fabricados pela SCHERING de Berlim.

Distribuidores Exclusivos:

AGUIAR & MELLO, LDA.

Praça do Município, 13-1.º — LISBOA

2891

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS

GAZETA das ALDEIAS

(317)

combate
à
mosca da azeitona
com

R O G O R

A NUMEROSA EXPERIMENTAÇÃO LEVADA
A EFEITO NOS VÁRIOS PAÍSES OLIVÍCOLAS
PERMITE GARANTIR A OBTENÇÃO DE

azeitonas sãs • maior produção • melhor
rendimento • azeites de nula ou
baixa acidez • ausência de resíduos

QUANDO AS OLIVEIRAS
SÃO TRATADAS
COM

R O G O R

um produto Montecatini—distribuído em
Portugal Continental e Ultramarino pela
UNIFA—Rua da Prata, 250—LISBOA

A VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS DA
Companhia União Fabril

FIAT

t r a c t o r e s
a g r í c o l a s
e
i n d u s t r i a i s

A MAIOR LINHA DE TRACTORES DA EUROPA



MODELO 411 R

40 H. P. efectivos * 6 velocidades à frente e 2 atrás * Velocidade de 2,2 a 22,9 km/hora * Diferencial blocável * Duas tomadas de força * Comando hidráulico automático de esforço e posição controlada

VASTA GAMA DE ALFAIAS PARA TODOS OS TRABALHOS

1919 - 1960: 41 anos de experiência

MONTEIRO GOMES, LIMITADA

RUA CASCAIS, 47 (ALCÂNTARA)

LISBOA

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 309-3.º

PORTO

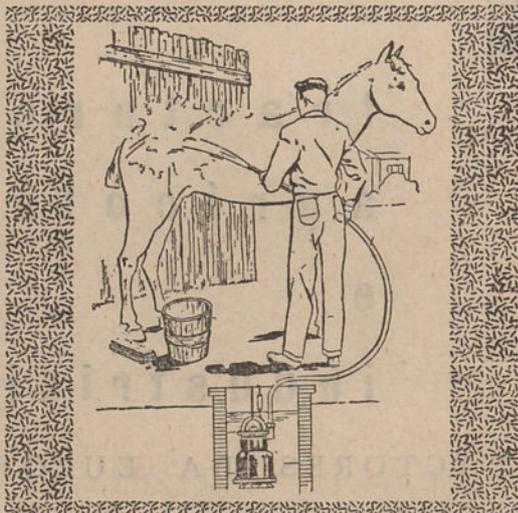
8679

Sucursais: Vila Franca de Xira, Beja, Porto, Faro, Luanda e Lourenço Marques

Agências: Évora, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras e Caldas da Rainha

GAZETA das ALDEIAS

(319)



Pode tirar-se água em quantidade suficiente para todos os serviços domésticos e, ainda, para regar o jardim, horta, etc., aproveitando a água de poços, cisternas, embalses, etc.

“VIBRO-VERTA”

SUBMERSÍVEL

3047

(A Bomba Eléctrica que funciona sem motor)

- * MÁXIMA SIMPLICIDADE
- * IMUNIDADE ABSOLUTA NA ÁGUA
- * NÃO NECESSITA LUBRIFICAÇÃO
- * CONSUMO INSIGNIFICANTE DE ENERGIA
- * APLICÁVEL A POÇOS PROFUNDOS E DE NÍVEL VARIÁVEL
- * A SUA SUSPENSÃO É FÁCILIMA
- * ADMITE TRABALHAR LONGAS HORAS SEM INTERRUPÇÃO
- * NÃO REQUER CUIDADOS NEM ATENÇÕES ESPECIAIS

Totalmente isenta de riscos e complicações

Própria para usos caseiros, pequenas regas, ou lavagens à pressão (até 3 atmosferas)

Preço económico. Não necessita instalação especial

Peça uma demonstração ao mais próximo vendedor e se não existir na sua localidade, dirija-se ao

Representante Geral para Portugal e Ultramar

J. L. DUARTE DE ALMEIDA - R. S. Miguel, 61 - PORTO - Telefone, 26515 - End. Teleg. IPO

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, e a pele é refrescada e aliviada. Os alvíos comemoram. Medicamento por excelência

para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhos, erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarías

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237 - LISBOA



**DE NOITE TODOS OS
GATOS SÃO PARDOS**

...SALVO QUANDO A LUZ É
LUMIAR

A LAMPADA QUE NÃO ENGANA

30886



OLHE O MERCADO

o mercado
está sujeito a frequentes
oscilações
eis a solução
para o problema da sua exploração

para obter
melhores reposições
em menos tempo
e defender
os seus animais
de numerosas doenças infecciosas
alimente-os com rações contendo

BI-CON*

TM 3+3

TM 10

TM 25

para aves, suínos e bovinos
novo e melhorado
com apreciável quantidade
de vitamina B₁₂

contém **Terramicina***



* Marca de fabricante de Chas. Pfizer & Co., Inc.



PFIZER PORTUGUESA, LIMITADA
R. Rodrigo da Fonseca, 139 — Telef. 68 95 11 — LISBOA-1
R. Sá da Bandeira, 605-2.º — Telef. 3 09 26 — PORTO

ácido tartárico italiano Montecatini

“antiga marca appula”



Vinicultores

peçam aos seus fornecedores esta antiga
e acreditada marca

MONTECATINI S. G. Milano Itália
adubos - insecticidas - fungicidas

todos os produtos químicos para agricultura e indústria

Agente

EMANUELE BARABINO

Rua da Prata, 93-2.º esq. - LISBOA

2925

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Júlio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

LUÍS GAMA

Engenheiro Civil de Obras Públicas e Minas (U. P.)

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 - PORTO

Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS - PORTO * Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º - PORTO

SUMÁRIO

Agricultura e Indústria	561
Crónica — Prof. Mário de Azevedo Gomes	562
A «Cassa per il Mezzogiorno» e o ressurgimento econó- mico do Sul da Itália — eng. agrónomo Alberto José L. de Freitas	565
Azeitona do Ribatejo — prof. António Rosa Júnior	568
Jornadas Florestais em Man- teigas — eng. agrónomo Joa- quim Moreira da Silva	570
Recordações de uma viagem à Itália — Prof. C. M. Baeta Neves	572
Calendário do lavrador	575
Silvicultura — Proj. António Manuel de Azevedo Gom s.	577
O aprovisionamento artificial das abelhas — eng. agrónomo Vasc. Correia Paixão	579
Calendário apícola	581
A exposição agrícola em Braga A fertilização, um caminho para maior elevação de rendimento — M. C.	584
Etnografia agrícola — Procés- sos de amontoamento da pedra de limpeza, e muros de vedação F. Galvão	586
Caça e Pesca — O escaleo — Almeida Coquet	589
Publicações	590
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Fruticultura	591
— Viticultura	591
— Horticultura	594
— Patologia vegetal	594
— Medicina veterinária	596
— Direito rural	596
Informações	598
Intermediário dos lavradores	600

A NOSSA CAPA

O que mais prende a aten-
ção na gravura da nossa capa
é menos a cena que nos mostra
do que o cenário que lhe serve
de moldura.

Aquela consiste num traba-
lho agrícola vulgaríssimo — o
da «rega pelo pé»; este, em um
pomar que, pela extensão, pela
pujança, pela disposição, é,
ainda hoje, infelizmente, raro.

(Fotografia gentilmente ce-
dida pela Direcção-Geral
dos Serviços Agrícolas).

ASSINATURAS

Ano	100\$00
Semestre	55\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espa- nha) — mais	50 %

AGRICULTURA E INDÚSTRIA

NÃO há que pôr em dúvida que se tem acentuado de ano para ano o progresso e desenvolvimento da indústria nacional. Dos nossos estabelecimentos fabris saem agora, e já desde há anos, os mais variados produtos que rivalizam, e muitas vezes superam os obtidos em afamados centros fabris do Velho Mundo. Sem dúvida que este incontestável progresso das nossas actividades transformadoras nos orgulha,

Ter-se-á, porém, verificado na Agricultura o mesmo progresso que se regista na Indústria? Terá Portugal deixado de ser um País agrícola para se lançar abertamente na produção industrial?

Não existem hoje nações exclusivamente agrícolas, como as não há, também, exclusivamente industriais. O primado, se é que importa dar-se primazia a uma ou outra actividade, caberá à Agricultura, como afirmam os que se debruçam sobre a vida económica dos povos. Na verdade, num país em que a situação económica da população rural seja difícil, igualmente o é a vida das indústrias.

Uma coordenação de esforços, actividades e trabalho entre a Agricultura e a Indústria concorrerá largamente para a prosperidade dum e doutra; orientação diversa acarretará, para a colectividade, dias sombrios. E fácil é apontar exemplos comprovadores desta afirmação.

A Bélgica, a modelar Holanda, até a própria Suíça, à medida que a sua industrialização se aperfeiçoava e progredia, viam aumentar de ano para ano os réditos das suas actividades rurais. Outros exemplos podiam apontar-se, como a Inglaterra e até os próprios Estados Unidos da América.

O mesmo se verificará entre nós se a Agricultura e a Indústria, igualmente amparadas e auxiliadas, conjugarem os esforços que vêm desenvolvendo.

É necessário ter em conta que a remodelação no campo agrícola é, forçosamente, mais trabalhosa, mais morosa e exige dispêndios a que o lavrador não pode fazer face, ao passo que uma remodelação industrial é relativamente mais simples e, possivelmente, menos dispendiosa.

Estamos certos de que não será negado à Lavoura o auxílio de que carece para que leve a termo a remodelação que se impõe.



Crónica

Pelo Professor MÁRIO DE AZEVEDO GOMES

SUSPENDA-SE por uma vez o tratamento de assuntos de certo modo graves com que entretenho estas crónicas, para referir hoje acontecimento, ao contrário, leve e risonho como é o duma exposição de flores.

Desejo, de facto, aproveitar a oportunidade que me foi dada da visita à última *Exposição de Floricultura*, em Lisboa, na Tapada das Necessidades, para certos comentários que julgo merecedores da atenção dos interessados, desde organizadores e expositores até ao público em geral.

Não falarei senão muito a correr daquilo que mais é uso relatar em certames desta espécie: até onde foi notável o conjunto exposto, envolvendo plantas em plena e exuberante floração, quer de ar livre quer de estufa, preciosas flores cortadas, plantas ornamentais envasadas, de porte variável, e até vários aglomerados de plantas florestais, quer arbóreas, quer arbustivas, a recordarem a presença dos viveiros abastecedores. Pode afirmar-se que havia de tudo em profusão e que ao público foi dado, mais uma vez, um espectáculo de cor e formas vegetais, daqueles que mais embelezam a existência.

É de primeira justiça dizer que o local foi bem escolhido e se presta, como raros, a enquadrar as variadas colecções, permitindo que realçassem aqui e além suas características, fossem estas as da delicadeza formal, ou as do colorido forte em mancha mais ou menos extensa, ou ainda as da elegância do porte que assinala, sobretudo, certos tipos de resinosas justamente tidas como ornamentais, por excelência.

O tratamento dado nos últimos anos pela Direcção Geral dos Serviços Florestais à Tapada das Necessidades honra os técnicos da Circunscricção do Centro; e sem que saíamos da zona inferior mais cerca do Palácio, precisamente aquela que a *Exposição* aproveitou, o visitante não pode deixar de render-se aqui ao bom gosto, à adequada distribuição de árvores e arbustos, e à ordem impecável com que tudo se nos apresenta e nos convida a fazer do local amável refúgio numa fuga abençoada do bulício da cidade.

À fachada de certa imponência do antigo Paço Real ajusta-se bem, para começar, um vasto terreiro, com distinto tanque central, em que todo o adorno fica limitado, rés da terra, a um encanteiramento de buxo rigorosamente talhado e desenvolvido segundo desenho em volutas, tão caprichoso como difícil de manter, íntegro e perfeito. Ao tempo da minha visita está-se numa fase de reconstituição; porém

a parte acabada apresenta-se impecável e naquele género, que recorda um passado já distante, não creio que possa fazer-se melhor.

Leva-me a lembrança desse passado e a noção viva de que estou ali para celebrar, na minha modéstia, o culto da árvore e da flor, a evocar a memória do monarca que há coisa dum século ali residiu e fez tratar o Parque das Necessidades com o mesmo sentido estético e a mesma elevada concepção das belezas naturais que deixou impressas na criação do Parque da Pena, em Sintra.

Nefiro-me, evidentemente, ao chamado Rei-Artista, a D. Fernando II e ao muito que influenciou na sua época, sob este aspecto ao menos memorável, o tratamento apurado, quase carinhoso de parques e jardins.

Poucos exemplares do seu tempo registará hoje a Tapada; mas o que é agradável é poder constatar que não desmerece o conjunto actual daquilo que a nossa imaginação possa figurar como delineamento da traça primitiva e sua cobertura vegetal, mais ou menos rica de espécies.

Olhando pròpriamente aos expositores, adquire-se, desde logo, uma boa impressão quanto à firmeza e espírito de continuidade com que certos, antigos e mais conhecidos, se apresentam mais uma vez; antevê-se como, por seu intermédio, esse culto da árvore, da planta ornamental e da flor, não esmorece entre nós e antes parece ganhar, de dia para dia, mais e mais conscientes adeptos.

E, depois, também agrada constatar que alguns novos vêm juntar-se aos antigos, valorizados aqueles, até, porque os não anima qualquer intenção comercial. Havemos de convir que estes serão, de entre todos, os melhores.

Notável a dedicação com que numa exposição que esteve aberta ao público bastante tempo, com um prolongamento de bom sinal, expositores de flores cortadas entenderam renovar até final o seu mostruário, não fugindo aos encargos que tal renovação sem dúvida representa. Acode-me à ideia este detalhe porque, tendo acontecido que só me fosse possível visitar a Exposição na véspera do seu encerro, ainda tive a grata possibilidade de ver ali algumas das mais belas rosas do certame com sua delicadeza e frescura insuperáveis.

Mas... usa dizer-se que não há bela sem senão: neste conjunto de beleza, dado o fim educativo e instrutivo que não pode desprender-se dos objectivos que lhe são próprios, um *senão* de facto existe e eu não terminarei sem que lhe acentue a presença, os inconvenientes a que dá lugar, e sem que, finalmente, me atreva a sugerir medidas para futuro que sejam capazes de evitar o mal.

Quero tratar da falta de correcção com que se apresentaram designadas, bastas vezes, as plantas expostas, do ponto de vista da sistemática botânica. Que os expositores, em geral, pareceram preocupados com o problema duma nomenclatura apropriada, não parece restar dúvida; uma «etiquetagem» a preceito faz disso prova. Simplesmente várias etiquetas estavam erradas e, por vezes, com erros graves. Que soma de inconvenientes daqui decorre todos o compreendemos: se é um simples viveirista que não conhece o material que expede do seu viveiro é evidente que, na melhor boa fé embora, está enganando o freguês eventual e desse engano resultará pelo menos esta circunstância desagradável de não saber cada qual aquilo que tem realmente em sua casa, digo no seu horto, jardim ou parque.

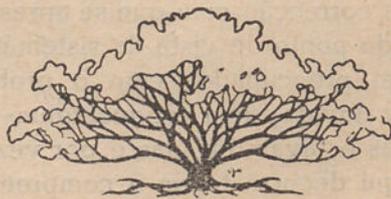
Muitas vezes acontecerá — admito que na maioria dos casos — ser o engano de pouca monta (acaso apenas uma desactualização do nome específico ou varietal),

sem que a troca havida represente menos adaptação e encaminhe o comprador para um fracasso, ao pedir planta que sabe adaptada ao seu caso, ao ambiente cultural que lhe é próprio, e ao receber, em vez dela outra, acaso imprópria para o fim que havia em vista.

Outras vezes, porém, acontecerá coisa mais grave: é que o erro cometido seja antes grosseiro, implicando condições ecológicas distintas, até opostas, e como tal dando motivo ao tal fracasso, e ao descrédito e desânimo consequentes.

Não tenho que apontar aqui nomes, nem isso importa; mas posso recordar exemplos em que há casos de maior e de menor monta; de tudo um pouco. Vi, por exemplo, designar como *Quercus pyrenaica* (carvalho negral ou pardo da Beira) o bem conhecido *Quercus Robur* (o carvalho minhoto por excelência)! Todos que trabalham a matéria sabem quão diversas são ecológicamente as duas espécies: confundi-las, a partir das responsabilidades do viveirista, é cometer erro dos chamados de palmatória; vi designar como uma *aroeira* (do tipo *lentisco*) o *aderno* de folha estreita, plantas muito afastadas taxonômicamente; vi confundir, entre os pitosporos, arbustos ornamentais estimáveis, a espécie *P. tenuifolium* com *P. eugenioides* o que é, também, erro vultoso dado o tipo de folhagem; e assim por diante.

O que me ocorre é que não servem tais confusões e inexatidões para acrescentar o brilho de certames como aquele da *Exposição de Floricultura*; pelo contrário, elas estão empanando esse brilho. E é preciso evitar os inconvenientes que ficam incluídos naquela demonstração de ignorância ou descuido. A opinião que me atrevo a sustentar é de que, ao organizar-se exposição daquele tipo, uma pequena *comissão de especialistas* seja encarregada de examinar a *etiquetagem*, a tempo de se promover a correcção do que estiver errado. Todos ganharão: o público que não sai dali enganado, e não menos os expositores e futuros compradores, pois que nem uns nem outros terão outro interesse que não seja trabalhar com plantas correctamente designadas e que na verdade correspondam aos nomes — e portanto às qualidades — que as respectivas etiquetas e designações dos catálogos lhes atribuem.



A "cassa per il Mezzogiorno" e o ressurgimento económico do Sul da Itália

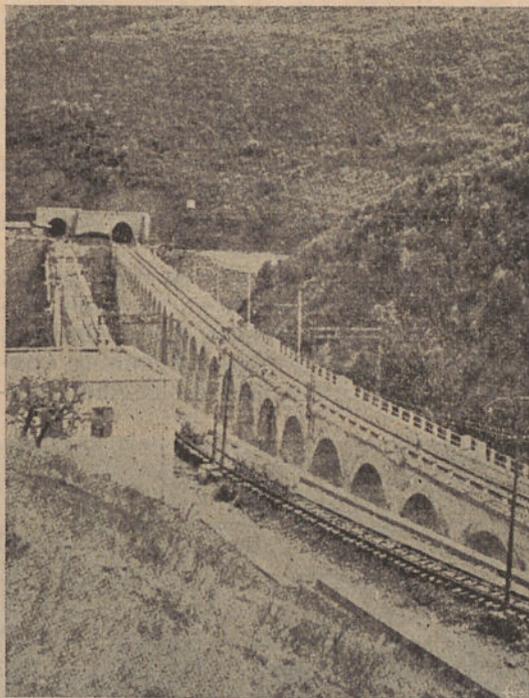
Por
ALBERTO JOSÉ LAGO DE FREITAS
eng. agrónomo

É por demais conhecido o atraso em que se encontra o Sul de Itália em relação ao resto do país. Tal estado de coisas, que se mantém desde há séculos, encontra a sua explicação em factos de vária ordem.

Assim, a configuração geográfica das regiões do Sul, por muito montanhosas, serve, em parte, de justificação; ao passo que no Norte a percentagem da área de montanha é de 68 e a de planície de 32, no Sul tais percentagens atingem, respectivamente, 86 e 14. Daqui advieram enormes dificuldades de transporte e de acesso, que, em certa medida, explicam o lento desenvolvimento.

A falta de área de planície suficiente para satisfazer as necessidades alimentares de uma população que aumentava, obrigou os habitantes a ocupar as zonas mais altas, naturalmente mais pobres, e a abater as árvores, agravando, consequentemente, uma situação já precária e aproveitando para cultura regiões onde a florestação mais se impunha.

A escassez de água, conjugada com a natureza do solo, a insuficiência das precipitações atmosféricas e a elevada temperatura estival contribuíram para impedir o estabelecimento de uma agricultura progressiva. Tais limitações dificultaram igualmente o desenvolvimento das pastagens e, naturalmente, a exploração do gado. A máquina era completamente des-



Entre as obras levadas a efeito no sul de Itália pela «Cassa del Mezzogiorno», contam-se a do viaduto de Vale Cupa...

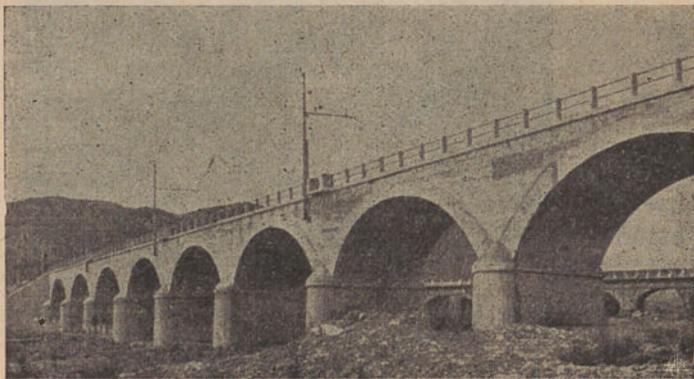
conhecida e, na realidade, poucas eram as oportunidades de a utilizar com sucesso.

Até há bem pouco tempo a malária foi factor impeditivo da instalação e permanência de indivíduos nos campos, pelo que, em parte, se pode considerar tal doença como uma das causas próximas da manutenção do latifúndio. Tal flagelo, conjuntamente com as incursões dos piratas num passado mais remoto; justificou a circunstância de os habitantes se terem agrupado nos pontos altos, formando grandes aglomerados populacionais.

As causas históricas tiveram grande importância também e, assim, as dominações estrangeiras, e especialmente a espanhola, foram danosas para as zonas meridionais, cuja economia sofreu as consequências dessa exploração desenfreada de estranhos. De resto, nem só o sector económico foi atingido; igualmente o foi o político-social. Ao passo que o Norte se ia desenvolvendo e desabrochando em manifestações de libertação, o Sul suportava, resignadamente, o peso

de um tratamento feroz; uma sociedade de características medievais que sobreviveu até quase aos dias de hoje; latifúndios e servos da gleba que persistiram através de novas estruturas das sociedades mais evoluídas. As dominações acabaram e a unificação do país operou-se, mas ali, no Sul, tudo se manteve aproximadamente na mesma.

O Sul contribuía para as receitas gerais do Estado com a terça parte total, não obstante a quota mínima dos benefícios recebidos; daqui, o empobrecimento continuado, desmoralizador, da região meri-



... e a da ponte oblíqua sobre o rio Alento

dional, a contrastar com o progresso, o desenvolvimento e a euforia da zona Norte, para onde se voltavam sempre as atenções dos governantes.

Tal estado de coisas conseguiu radicar um litígio que, apesar de tudo, ainda persiste e que se traduz na luta do Sul contra o Norte, na aversão que o «terrenho» (o do Sul) vota ao «alemão» (o do Norte), que se manifesta a cada passo e que surpreende «quem não é da casa». Foi a divisão pura e simples da Itália em duas regiões distintas, pela mentalidade, pela fé, pelo temperamento, pela ideologia.

Assim se chegou à actualidade, sem que o panorama meridional tivesse mudado grandemente: a mesma insuficiência de meios de comunicação, a semelhante agricultura estática e extensiva, a sistemática ausência de instalações industriais, a idêntica carência de habitações, em suma, o baixo nível de vida tradicional.

Para obviar a estes inconvenientes, os diversos governos italianos lançaram mão de várias medidas, mais ou menos eficientes e mais ou menos compreendidas, mas a acção encetada foi descontínua, lenta, não objectiva; os resultados atingidos foram aleatórios e enganadores.

Impôs-se, portanto, realizar qualquer coisa de diferente, mas de verdadeiramente proveitoso no plano nacional, por forma a eliminar, de uma vez para sempre, tal estado de coisas.

Tornou-se urgente fazer algo de arrojado, para libertar do marasmo e da estagnação as regiões meridional e insular, e para ajudar a dissipar rancores e desavenças, contrários ao interesse do país e à dignidade dos respectivos habitantes.

Foi preciso, para isso, não só um plano único de acção, cuja execução, embora escalonada no tempo, não perdesse de vista o objectivo último, ou seja, o renascimento económico-social do Sul, mas também uma legislação especial e a formação de um organismo novo, liberto, tanto quanto possível, das peias burocráticas, dinâmico, capaz de actuação

imediate, independente, coordenador de actividades da competência de diversas repartições do Estado, dotado de autonomia administrativa e financeira, capaz de pôr e de manter em movimento a grande máquina e de controlar o respectivo funcionamento, por forma a evitar contratempos e demoras desencorajantes.

Tudo isto foi feito e, assim, pela lei n.º 646, de 10 de Agosto de 1950, foi criada a «Cassa per opere straordinarie di pubblico interesse nell'Italia Meridionale», mais vulgarmente conhecida por «Cassa per il Mezzogiorno» (Banco para o Sul), organismo técnico e financiador, o qual representou o primeiro grande passo no sentido da resolução do problema secular, comumente designado por «questão meridional».

A este organismo foram cometidas funções de carácter excepcional, tendo para tanto sido dotado de meios financeiros vultosos, por forma a tornar pro-

ficua a sua acção no mais breve período de tempo possível.

A sua criação teve, fundamentalmente, como objectivo:

— assegurar que as obras públicas ou de interesse público não fossem sujeitas a suspensões ou interrupções;

— efectuar as mesmas em função da sua finalidade económico-social, sem olhar simplesmente ao aspecto técnico;

— garantir a coordenação entre as diversas obras públicas cuja realização competisse ao Estado, às Comunas, aos Consórcios e às várias organizações para-estatais, eliminando, simultaneamente, o fraccionamento de competências;

— manter o indispensável paralelismo entre a acção estatal, pública e particular;

— simplificar o processo burocrático, com vista a evitar desperdício de tempo e atraso na execução dos programas estabelecidos.

A «Cassa per il Mezzogiorno» possui diversos Serviços, os quais se ocupam dos sectores da «bonificação» e transformação agrária, do abastecimento de água às populações, das estradas e caminhos de ferro, do crédito, finanças, investimentos e do turismo. O campo de acção deste organismo encontra-se bem definido na citada lei, e estende-se às regiões dos Abruzos, Molise, Campania, Puglia, Basilicata, Calábria, Sicilia e Sardenha, às províncias de Frosinone e Latina, à Ilha Elba, às comunas da provincia de Rieti e às comunas compreendidas na zona beneficiada do rio Tronto.

Para fazer face aos encargos inerentes à sua actividade e de acordo com o determinado pela lei n.º 949, de 25 de Julho de 1952, a «Cassa per il Mezzogiorno» foi dotada de um fundo de 1.280.000.000.000 liras (cerca de 61 milhões de contos), a despendar em 12 anos, com a seguinte aplicação:

Bonificação e melhoramentos fundiários	21 925 500 000\$00
Reforma agrária	13 160 000 000\$00
Correcção torrencial	7 684 500 000\$00
Estradas e caminhos de ferro	8 930 000 000\$00
Abastecimento de água potável	7 050 000 000\$00
Turismo	1 410 000 000\$00

Como se verifica, foi dado excepcional relevo ao sector agrícola, com dotação de fundos correspondente a 71,8%, do total (cerca de 46 milhões de contos), razão mais do que suficiente para poder afirmar-se que a base de sustentação e a alavanca do progresso do Sul foi atribuída, muito justamente, à agricultura, mas a uma agricultura nova, progressiva, rica de apetrechamentos técnicos e de novos métodos de acção e de exploração agrícolas.

Sem uma agricultura próspera, na verdade, o desenvolvimento industrial seria um mito.

Como órgão coordenador dos vários sectores de actividade, foi nomeada uma Comissão Ministerial responsável perante o Parlamento, ou seja, perante a Nação, à qual pertencem os Ministros da Agricultura, das Obras Públicas, dos Transportes, do Tesouro, do Comércio e Indústria e do Trabalho e Previdência Social.

À «Cassa per il Mezzogiorno» está reservado um papel preponderante a desempenhar com entusiasmo e com dedicação.

Os resultados já verificados são animadores, quer pela mão-de-obra utilizada, quer pela formação de pessoal especializado, quer pelo aumento do rendimento médio, quer, finalmente, pela melhoria do nível de vida conseguida.

Esta Instituição ficará sendo, sem dúvida, uma das mais úteis ultimamente fundadas e, certamente, como o Órgão mais activo e eficiente, verdadeiro impulsor do ressurgimento económico das regiões meridionais de Itália.

AZEITONA DO RIBATEJO

Pelo professor ANTÓNIO ROSA JÚNIOR

A oliveira é árvore que, em boa verdade, não se sabe quando apareceu entre nós. Já em 1902, Manuel Sousa da Câmara, o saudoso mestre da agronomia lusitana, escrevia: «determinar com precisão a pátria da oliveira é na verdade completamente impossível». Mas, sem dúvida, pelas referências que todos fazem a esta árvore, à terra natal da oliveira não é estranho o antigo continente que compreendia a Europa, Ásia e África, aparecendo quem opine a favor de cada um destes continentes.

No tempo de D. Duarte legislou-se no sentido de constringer todos os olivicultores a cuidar das suas oliveiras, pois se encontravam votadas ao abandono. Mas a lei de nada valeu, por não se cumprir, e ainda no reinado de D. Sebastião mais se desprezaram os olivais, encontrando-se então muitos com densos matagais. Aos períodos de abandono foram-se entre-meando períodos em que os cuidados culturais a dispensar aos olivais foram considerados, sendo um dos maiores pioneiros de todos os tempos o grande e inesquecível Alexandre Herculano, que defendia e recomendava, em verdadeiro apostolado, tudo o que de proveitoso se sabia a favor da cultura da oliveira.

Sousa da Câmara registou um dito epigramático que não resistimos à tentação de transcrever:

«Estando numa ocasião Herculano a falar de azeites, Tomás de Carvalho prestava-lhe a máxima atenção, fitando-o pertinazmente, o que irritou sobremaneira o escritor a ponto de inquirir a razão porque o fixava com *olhos de águia*, aludindo à pequenês deles; ao que o outro plácidamente replicou: não são de *águia* mas de *coruja*».

Herculano, que cuidava com esmero a sua quinta de Vale de Lobos, bem como os seus olivais, apresentava azeites finís-

simos, classificados entre os primeiros de todo o mundo. Verdade é que eram obtidos no seu tempo com baixas pressões, mas o esmero com que o seu lagar era cuidado facilitava-lhe a obtenção de azeites puros, e sem qualquer conspurcação portanto.

O Ribatejo deve muito a Herculano, a quem também poderíamos chamar, parafraseando Vieira Natividade, *Monge Agrônomo*.

Depois de Herculano outros apóstolos apareceram, merecendo realce especial o grande mestre Mota Prego, mas depois, mercê do fraco rendimento, já os olivais estiveram algo desprezados, encontrando-se alguns, de boa extensão, ocupados por denso matagal, há umas duas dezenas de anos.

Com o sempre, e em todos os sectores, uma vez que o preço do azeite melhorou, os olivicultores estimulados pela «mola real» passaram a tratar muito melhor os seus olivais e apareceram a proceder a novas plantações. Assim resultou o grande incremento verificado não só na recuperação dos olivais velhos, como ainda na formação de novos e numerosos olivais.

Para se avaliar da importância da oliveira na região de Santarém basta lembrar a bem conhecida expressão «Seca e Meca olivais de Santarém».

A azeitona, fruto saboroso, que tanto o pobre como o rico consomem com o maior agrado, é também apetecida pelos animais, desde os mais corpulentos aos de menor porte. As aves e os insectos devoram-nas sem piedade.

Nem todas as regiões do País oferecem clima igualmente propício à olivicultura. Temos microclimas variados que podem favorecer ou dificultar a acção dos depredadores.

Quanto à olivicultura, tem-se considerado o País dividido em três zonas olivícolas: Norte, Centro e Sul. Na zona central, e na faixa mais influenciada pelas

humidades do litoral, as produções têm sido mais incertas e de resultados menos seguros, pois as chuvas e nevoeiros mais frequentes prejudicam a fecundação e permitem maior proliferação aos insectos inimigos. A mosca da azeitona tem causado estragos de grande monta não só pela má qualidade como pela quantidade do azeite.

Reconhece-se a necessidade de luta eficaz contra os insectos e outros males. Os fitopatologistas, trabalhando de mãos dadas com os industriais, conseguiram produtos cuja aplicação se recomenda pelos magníficos resultados observados. Nos olivais tratados, alguns no Ribatejo, verificou-se que a mosca é hoje de fácil combate, e de tal modo os efeitos foram surpreendentes que não haverá certamente nenhum olivicultor esclarecido que não deseje salvar as suas azeitonas, o mesmo é dizer o seu rendimento da nova colheita.

Quais os produtos a usar? Certamente os serviços agrícolas oficiais saberão indicar à lavoura qual a gama de produtos que deverá aplicar e qual a oportunidade. O que interessa ainda é que os olivicultores não esqueçam que «mais vale prevenir que remediar» e, ao que nos parece, em Agosto convém procurar os técnicos para que eles se manifestem.

Estamos em Julho e os olivais não se mostram muito prometedores; os frutos já se enxergam, mas apresentam uma diversidade de tamanhos que não satisfaz. O raquitismo da maioria dos frutos será

devido aos nevoeiros ou aos insectos? Os fitopatologistas se pronunciarão certamente. Entretanto, há que salvar os frutos que vingaram. A colheita é magra e o olivicultor julga não ser compensador dos cuidados a despender. E o fadário da despesa conhecida e da incerteza da receita, para muitos que se encontram a naufragar na Nau Catrineta da lavoura, continua, apesar de há muito terem deitado a sola de molho.

Há muitas empresas dedicadas à propaganda dos insecticidas e fungicidas, e os serviços fitopatológicos desenvolvem grande actividade em prol da agricultura nacional; esperemos que na presente campanha prestem maior auxílio, quer por si, quer pelos Grémios da Lavoura que bem necessitam alargar a sua acção de apoio, quanto mais não seja aos fazendeiros e médios lavradores, evitando que os produtos de mais eficácia sejam privilégio só dos grandes.

São muitas as pragas nos olivais e muitos olivicultores estão convencidos de que as fracas produções com a apresentação do «redolho» são devidas mais à acção perniciosa dos insectos minúsculos que atacam a epiderme nas axilas e na inserção dos pedúnculos e dos pedicelos.

É tempo de se esclarecer o assunto, visto que mais um departamento interessado, a Estação de Olivicultura, se encontra em melhores condições de estudo para bem da Olivicultura.



Jornadas Florestais em MANTEIGAS

Por JOAQUIM MOREIRA DA SILVA
Engenheiro Silvicultor

NA reunião de cerca de 200 técnicos florestais, efectuada, durante cinco dias, no coração da Serra da Estrela, foram apresentados e estudados os principais problemas que preocupam os dirigentes, investigadores e executantes duma das maiores obras nacionais dos últimos 20 anos. Prolongando-se para além das sessões, até horas altas, em conversas e discussões, constituiu um excelente auxílio para o conhecimento mais profundo das tarefas de cada um e contribuiu, com certeza, para um melhor ajustamento da máquina florestal.

Algumas visitas de estudo pelos Perímetros, fraca percentagem da Serra entregue aos Serviços Florestais, demonstraram, à saciedade, como estão errados os que entravaram e entravam a arborização de terrenos degradados por séculos de exploração descontrolada, pois, a par de belas matas de castanheiros, faias, pseudotsugas, etc. e pinhais em plena substituição, vêem-se, com mágoa, extensas áreas desarborizadas, sem mais do que pedras ou magras terras onde, com esforço hercúleo, o homem semeia o grão e apascenta a cabra, numa associação ruinosa para a Serra e para ele.

A cabra, o centeio e o fogo, trindade apocalíptica, fruto da ignorância e da rotina, levam em passo acelerado a esterilização total a zonas como estas, sem qualquer possibilidade de recuperação futura. Há que rever conceitos e situações antigas... Atitudes justificáveis há 20 anos, não são agora de manter depois de se verem os frutos da florestação, a não ser por intuítos inconfessáveis.

Numa dessas visitas também foi pro-



Transporte de toros de pinheiro por meio de um cabo-grua.

porcionada uma interessante demonstração da eficiência das máquinas na exploração das matas, quer no corte com serras mecânicas — um pinheiro com DAP 30 cm fô abatido por um homem em 60 segundos — quer no transporte por meio de um cabo-grua de mais de 700 kgs de toros, em cerca de 2,5 minutos, numa distância de 300 m e subindo um desnível de 145 m. Estas e outras estão tendo larga utilização no Norte, principalmente nas serras do Marão e da Cabreira, com resultados muito animadores, não só pela valorização geral dos produtos, mas também pela possibilidade de extracção de locais, até agora praticamente inacessíveis.

Nas sessões de trabalho, presididas e inteligentemente orientadas pelo Director-Geral dos Serviços Florestais e Aquico-

las, Eng. Mendes Frazão, foram tratados, nomeadamente, os seguintes assuntos:

Fitossociologia em Silvicultura — cuidados a ter na introdução de exóticas nas arborizações e pastagens;

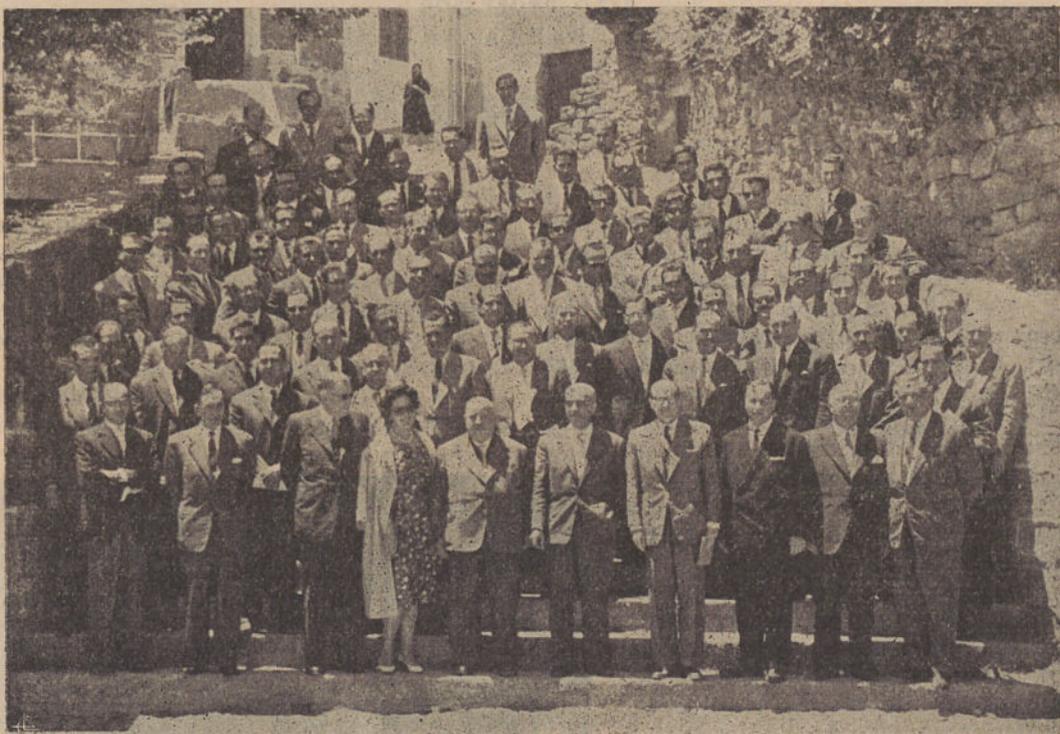
Melhoramento de pastagens — necessidade do seu fomento através de programas rápidos e exequíveis;

Delimitação de perímetros — reconhe-

tural do guarda-florestal ao serviço do Estado;

A máquina na cultura florestal — interesse na generalização do seu emprego e inconvenientes da sua introdução sem estudos prévios do escoamento da mão-de-obra sobran-te;

Investigação florestal — necessidade de resolver os problemas de instalação e coordenação de esforços;



Grupo de dirigentes e técnicos que tomaram parte nas Jornadas Florestais, vendo-se no primeiro plano, entre outros, os Senhores: Secretário de Estado da Agricultura; Director-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas; Governador Civil da Guarda; Presidente da Câmara Municipal de Manteigas; e Eng.^{os} Barjona de Freitas, Sousa Monteiro e Egberto Pedro, Inspectores-Chefes.

cimento das dificuldades provenientes da falta de cooperação das autarquias locais e de legislação adequada;

Regime florestal de simples policia — falta de fiscalização sobre o cumprimento de deveres aceites e necessidade de alterar o sistema de funcionamento do corpo de Policia Florestal da Propriedade Particular (Guarda Florestal Auxiliar);

Elevação do nível profissional e cul-

Protecção de arvoredo — estudo da legislação própria em relação a algumas espécies ainda não protegidas;

Assistência técnica e distribuição das plantas e sementes a particulares — normas para a simplificação e aumento da eficiência destes Serviços.

São estes os tópicos das conclusões apresentadas, em resumo, ao Secretá-

(Conclui na pág. 574)

Recordações de uma viagem à Itália

PELO PROFESSOR
C. M. BAETA NEVES

III

COM esta terceira e última parte, tenciono terminar a série de artigos sobre a minha última viagem à Itália, postos como já estão outros assuntos para serem tratados. De resto, a referência a fazer agora, nesta parte final, à utilização da *Formica rufa* na luta biológica, nomeadamente contra a Proceccionária dos pinheiros, já há muito estava para aparecer, embora sem o conhecimento de causa com que o posso fazer agora.

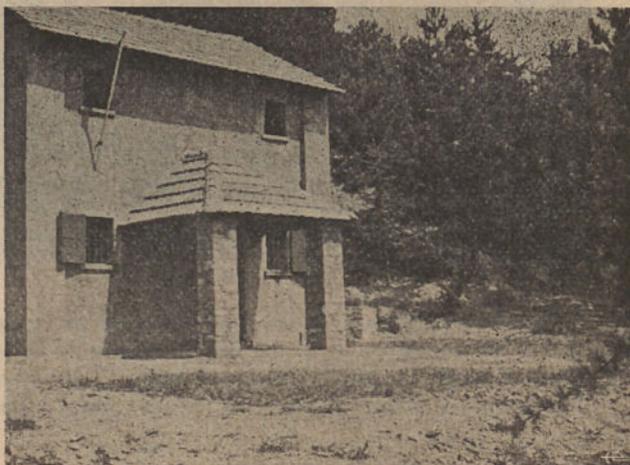
Tendo sido a reunião em Itália exactamente para se poder apreciar os resultados obtidos pelo Prof. Pavan na transplantação de formigas do grupo *Formica rufa*, dos Alpes para os Apeninos, como primeiro passo para o seu emprego generalizado com esse fim, tal assunto não podia deixar de ser tratado a propósito dessa viagem, razão principal da mesma.

O facto de ter havido entre nós uma certa divulgação do interesse do emprego desses insectos como meio de luta contra a Proceccionária, e de eu ter tido alguma intervenção contrária á mesma, justifica também a atenção especial que quero dedicar-lhe.

Do programa da «Reunião internacional sobre a luta biológica por meio das

formigas do grupo *Formica rufa*» fazia parte, logo no primeiro dia, uma visita à exposição do material científico e técnicas respectivas, utilizados pelo Prof. Pavan, exposição realizada no «Castello Visconteo», em Pavia.

Ai se podia apreciar em gráficos, esquemas e fotografias, o que tinha sido até



A «Stazione sperimentale di allevamento della *Formica rufa*» no Monte Penice

então o trabalho realizado desde 1949, quer no sentido de investigação propriamente dita quer de ensaios de campo, sob a orientação daquele professor.

E para melhor esclarecimento ainda este último leu uma exposição em que



Os tambores onde foi transportada a *Formica rufa* dos Alpes para o Monte Penice

resumia, por palavras suas, quanto se encontrava ali exuberante e elucidativamente documentado.

No segundo dia da reunião, no Monte Penice, a que me referi no primeiro artigo, começou-se por visitar a pequena «Stazione sperimentale di allevamento della *Formica rufa*», e assistiu-se depois a uma nova transplantação de *Formica lugubris*, oriunda dos Alpes italianos.

Esperavam-nos 200 tambores de contraplacado, onde foram transportadas as formigas e parte do material que formava os seus ninhos na origem.

Para cada novo ninho a constituir artificialmente foram destinados 3 tambores, o conteúdo dos quais foi lançado, em conjunto, sobre uns bocados de madeira seca enterrados no solo.

Viam-se então milhares de formigas misturadas com os detritos, agulhas secas e bocados de raminhos, com que formam os montículos característicos, os quais constituem, com o núcleo de material lenhoso, os ninhos próprios.

Repetida a técnica 2 vezes, explicados a propósito alguns dos seus pormenores e tiradas as dúvidas apresentadas, fomos ainda ver alguns ninhos já reconstituídos de transplantações ante-

riores, como prova de demonstração do sucesso da técnica usada e da boa adaptação da espécie a novo «habitat».

Seguimos dali para Campigna, onde de novo houve ocasião de observar alguns ninhos também reconstituídos, provando-se de igual maneira o sucesso idêntico, em condições agora mais distintas da origem, quer quanto à latitude, quer quanto à natureza botânica da floresta local.

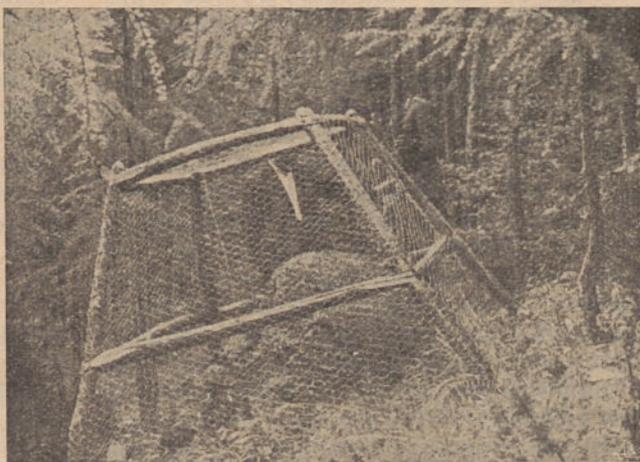
E por aqui ficou quanto foi mostrado, para cada um tirar livremente as suas conclusões sobre o interesse dos trabalhos realizados.

A documentação fornecida, e acima de tudo o volume 4 da coleção «Collana verde», de 1959,

«Attività italiana per la lotta biologica con formiche del gruppo *Formica rufa* contra gli insetti dannosi alle foreste», da autoria do Prof. Pavan, publicado pela «Direzione generale per l'Economia montana e per le Foreste», permitem a qualquer uma elucidação completa sobre o assunto, mesmo que não tenha tido ocasião de visitar os locais onde estas tentativas de transplantação têm sido feitas.

E a conclusão será sempre a mesma: as formigas, nomeadamente da espécie *Formica lugubris*, podem ser facilmente

Um ninho reconstituído de *Formica lugubris* transplantada dos Alpes para o Monte Penice (defendido das Aves e do Homem)



transplantadas com a técnica descrita nessa publicação, e a sua adaptação aos novos «habitats» parece estar demonstrada. Mas daí até se poder afirmar que as formigas do grupo *Formica rufa* podem ser empregadas com êxito assegurado, e de forma generalizada, como meio de luta contra a Processionária, vai uma distância enorme.

O trabalho feito tem o maior interesse, mas falta ainda preencher muita lacuna nos nossos actuais conhecimentos, científicos e técnicos, sobre aquelas formigas, para que se possa pensar em utilizá-lo fora dos limites experimentais em que está a ser ensaiado.

Disse de princípio que tinha tido a certa altura uma intervenção contrária ao emprego da *Formica rufa* entre nós para combater a Processionária.

De facto, levantei as minhas objecções junto do director de uma publicação periódica, em que vinha um anúncio de alguém que fornecia colónias dessa espécie de formiga. E se nessa altura o fiz por intuição e a partir do pouco que conhecia sobre o assunto, agora estaria disposto a repeti-lo, embora convencido de que em Portugal a área com condições favoráveis para o desenvolvimento dessas formigas seja muito limitada. Mas mesmo assim, não concordo de maneira nenhuma com tal importação, cujo interesse prático é muito reduzido e cujos riscos não se sabem de que grandeza são, no estado actual dos nossos conhecimentos.

Para se fazer uma ideia do que representa na economia da Natureza a presença das formigas do grupo *Formica rufa*, basta dizer que a população respectiva, existente nos Alpes italianos, deve consumir por ano cerca de 14.400 toneladas de outros insectos, de que se alimenta; e se ainda fosse tudo Processionária... não ia a coisa mal, mas na falta desta não se sabe quais as regras a que obedece o seu variado regime alimentar, quanto às espécies ou tipos de insectos preferidos, com suficiente pormenor para que se possa deduzir «a priori», como é fundamental, quais as consequências que podem resultar da sua presença num novo meio quando acabar aí a Proces-

sionária. Um mundo de dúvidas que só permite uma atitude de expectativa baseada no interesse e na prudência.

E foi só para chegar a esta conclusão que eu me desloquei a Itália? Para mim chega, pelo menos fiquei com a certeza de que tinha razão quando me atrevi a intervir contra a iniciativa anunciada nos jornais.

Infelizmente para todos nós tudo é hoje muito mais difícil do que parece, quando se pretende actuar, com o necessário e indispensável fundamento científico, para resolver quaisquer problemas que dizem respeito à Agricultura e à Silvicultura; o tempo dos amadorismos já passou, embora entre nós às vezes pareça que estamos no auge da sua fictícia glória.

Jornadas Florestais em Manteigas

(Conclusão da pág. 571)

rio de Estado da Agricultura na Sessão de Encerramento, pelo Inspector Chefe Eng. Egberto Pedro, que acabou por dirigir ao Director-Geral, pelas suas judiciosas intervenções nos debates, palavras de apreço e homenagem sublinhadas por uma calorosa salva de palmas de todos os presentes.

Quis ainda o Secretário de Estado encerrar estas memoráveis jornadas associando-se ao júbilo da família florestal quer por palavras dirigidas a todos, incitando-os na continuação duma obra de grande alcance nacional e projecção internacional, quer condecorando, no decorrer dum almoço de confraternização, com a medalha de ouro florestal, o antigo Ministro da Agricultura, Dr. Rafael Duque, o actual Director-Geral e seu antecessor, Eng. José Mendia, dois Inspectores Chefes, já reformados, Engs. Melo e Sabo e J. A. Fragoso e, simbolicamente, as administrações mais antigas — Marinha Grande, Gerez e Manteigas.

Gratas recordações ficaram nos que, como nós, viveram intensamente estes dias a bem da floresta portuguesa.

Calendário do Lavrador

AGOSTO

Nos campos

É Agosto o clássico mês das colheitas; à medida que avança, vai crescendo quase de dia para dia a azáfama na casa de lavoura. Mas os trabalhos não se limitam às colheitas; outros há ainda que exigem atenção.

Assim, os milhos serôdios precisam, aqui ou além, de sachas e frequentemente ainda de uma ou outra rega.

Prosseguem as lavouras de amanho nos terrenos de pousio, lavouras que devem ter-se iniciado já no mês anterior.

Completam-se as debulhas dos cereais de pravana, tão pronto quanto seja possível.

Principiam a colher-se os milhos temporãos, que se verifique estarem já maduros, recolhendo-os aos espigueiros ou descarolando-os desde que se veja encontrarem-se já em condições para tal. Igualmente se deve proceder à colheita do feijão.

Continua-se, se já se iniciou, a sementeira dos azevêns; semeia-se igualmente serradela, trevo.

Principiam ou continuam as sementeiras dos nabais; fazem-se alfobres de couves forraginosas.

Prossegue-se ainda, em algumas regiões, no arranque da batata.

Nos vinhedos

Ainda neste mês uma das principais preocupações do viticultor é a luta contra o mildio e oídio; se o tempo decorre propício ao alastramento destas pragas pode, quase de um dia para o outro, perder-se

uma colheita que se apresentava prometedora. É pois conveniente que o vinhateiro preste cuidada atenção às suas vinhas, sulfatando-as e enxofrando-as.

Durante este mês, os principais tratamentos devem incidir sobre o cacho. E além da defesa contra as doenças, deve verificar-se se os cachos estão demasiadamente cobertos pela folhagem, ou pelo contrário muito expostos ao sol.

Neste caso procura-se cobri-los com a folhagem; no anterior procede-se à desparra, operação que deve ser feita com todo o cuidado e atenção. Deste serviço deve encarregar-se pessoal consciencioso e sabedor.

Além destes trabalhos, o lavrador, caso tenha feito, em tempo oportuno, enxertias, deverá inspecionar os enxertos, suprimindo-lhes os *ladrões* e apurando-os convenientemente.

Finalmente, chama-se a atenção para os trabalhos indicados no anterior calendário, pois possivelmente nem todos foram feitos e alguns têm ainda oportunidade.

Nos pomares

Neste mês tem grande importância, especialmente nos pomares de espinho, as regas, que devem ser feitas abrindo caldeiras um pouco afastadas do pé.

Outro ponto a que é necessário atender é à colheita dos frutos, que deve fazer-se com cuidado, de modo a evitar que se deteriorem. Produzimos, incontestavelmente bons frutos; mas o pouco cuidado na colheita e mais ainda no transporte dão origem a que cheguem ao mercado em estado tal que não despertam

qualquer interesse ao consumidor. Antes pelo contrário, a impressão é de tal modo desagradável que impossibilita a venda. Origina isto principalmente a falta de cuidado na colheita dos frutos.

Nestas páginas tem-se tratado largamente o assunto; chamamos a atenção do leitor para o que aqui, e desde muitos anos, se tem escrito.

Nos olivais

São os mesmos, neste mês, os trabalhos indicados para Julho, dos quais, o de maior importância é continuar na luta contra a mosca da azeitona. Desnecessário é repetir o que aqui se tem escrito sobre o combate a esta praga, que tantos prejuízos causa.

Nas hortas

Cuidar da preparação do terreno para as sementeiras e plantações que em breve terão de fazer-se. Relativamente a estas e aquelas chama-se a atenção do leitor para os quadros aqui oportunamente publicados nos quais são dadas indicações sobre sementeiras e plantações, no Norte, Centro e Sul do País, na cultura hortense.

Nesta época é necessário não esquecer as sachas, as mondas e as regas que devem ser feitas à tarde.

Nos morangais, para que produzam convenientemente, é indispensável suprimir os estolhos, trabalho que deve ser feito com cuidado.

Nos jardins

É necessário não esquecer que as plantas de jardim são muito exigentes em

água; é, portanto, necessário regar, quase diariamente ou, mesmo todos os dias, procedendo-se à rega ao cair da tarde ou princípio da noite.

Os relvados exigem cuidados e também regas abundantes.

Renova-se a terra dos canteiros dos jacintos e túlipas; e cuida-se das dalias e crisântemos.

Nas matas

Cuida-se da limpeza, que, demorada, dá frequentemente origem a incêndios desastrosos. Chama-se a atenção para o que sobre este assunto aqui tem sido publicado.

Procede-se aos desbastes que se julguem necessários. Cuida-se dos viveiros.

Nos celeiros

Verificar o estado dos cereais recentemente colhidos, removendo-os se necessário for, para não aquecerem.

Durante a noite abrem-se postigos e janelas — que devem estar providas de redes de arame — para arejar e impedir o aquecimento dos cereais.

Nas adegas

Estão próximas as vindimas. É indispensável ver o estado em que se encontra o material vinário. Seria longo lembrar o muito que há a fazer; mas já estas páginas se tem referido desenvolvidamente. Para essas páginas remetemos o leitor.



SILVICULTURA

pelo Professor ANTÓNIO MANUEL DE AZEVEDO GOMES

As questões relacionadas com as disponibilidades em água informam decisivamente a vida das árvores e dos povoamentos, e assim a silvicultura, muito em especial quando, por toda uma fracção mais ou menos importante do período vegetativo, a água escasseia.

Grandes extensões do nosso Continente encontram-se nessa situação e nelas o processar da silvicultura opera-se sob os condicionalismos de uma tal carência. Então, os programas de ocupação florestal e as técnicas de instalação, de cultura e de exploração não devem descuidar esta circunstância: convém que o equilíbrio aquoso se firme no mais alto nível, isto é, que se armazene para o período de falta o maior quantitativo de água e que venha a ser este utilizado fundamentalmente por uma vegetação útil.

Estavamos a analisar a transpiração, processo fisiológico caracterizado por um elevadíssimo dispêndio em água. Às solicitações a uma excessiva transpiração, ou antes a transpiração muito intensa, causam avultados prejuízos quando não esteja esta sustentada por uma absorção igualmente intensa, prejuízos que se traduzem, quer por limitados crescimentos durante certas épocas do período vegetativo, quer por quebras, nomeadamente nas plantações e nas regenerações.

Tais quebras ocorrem com grande frequência quando as solicitações em água por motivo de fortes transpirações vão encontrar as plantas privadas de sistemas radiculares capazes de as suportar. A técnica de derramar ou de desfolhar as plantas no acto da plantação ajuda a debelar o mal, uma vez que aumenta a razão superfície absorvente — superfície transpiradora. Ensaia-se, presentemente, a impermeabilização parcial da folhagem mediante um banho ou uma pulverização, na base de certos produtos, com idêntica finalidade.

Têm sido realizados, de facto, estudos destinados a esclarecer os efeitos que

sobre a transpiração tem a aplicação de várias substâncias impermeáveis. Tais como o latex, óleo, ou resina, mergulhando ou pulverizando a folhagem, na esperança de se aumentar o sucesso da plantação. Há registos de significativas reduções na transpiração, bem como de menores quebras e certos benefícios, até, para o crescimento. *Allen*, por exemplo, dá conta de um interessante aumento de pegamentos na base de impermeabilizações com cera, muito embora assinala que a recomendação de uma tal prática deve ser precedida de mais experiências.

A quebra verificada no crescimento por espaços mais ou menos largos do período vegetativo por motivo de falta de água representa que a árvore se encontra adaptada a uma tal escassez e que dela se encontra defendida mediante uma redução por vezes muito acentuada da transpiração. As folhas fortemente cutinizadas das árvores e dos arbustos xeromórficos protegem-os, de facto, da transpiração epidérmica sempre que estejam cerrados os estomas; como as solicitações para uma forte transpiração, seja o caso das elevadas temperaturas, levam, por perda da indispensável turgescência celular, ao encerramento dos estomas sempre que se observe carência de abastecimento do mesófilo em água, aquelas plantas estão, portanto, bem defendidas da cedência de água em forma de vapor.

A morfologia foliar se é funcional por garantir ao indivíduo, naquele caso, a sobrevivência em períodos críticos, também implica uma quebra mais ou menos longa e sensível no crescimento; daí as características que repetidas vezes se têm apontado para as árvores florestais destas regiões ecológicas e, como consequência, para a respectiva silvicultura.

O vento constitui um elemento do clima muitas vezes adverso ao crescimento. Quando pouco intenso favorece a transpiração, já que, removendo vapor de água das vizinhanças das folhagens, mantém um mais elevado gradiente de

vapor de água entre os espaços do mesófilo foliar e o ar exterior confinante com as folhas, condição fundamental para a transpiração intensa. Entretanto, e ao contrário do que com frequência se pensa e se afirma, os ventos fortes não incrementam a velocidade do processo transpiratório dos vegetais xeromórficos uma vez que, por desidratação, conduzem ao encerramento dos respectivos estomas. A planta encontra-se assim defendida de uma transpiração intensíssima e sobrevive, embora à custa doutros processos fisiológicos, como a fotossíntese, e, portanto, com reflexos por vezes palpáveis no crescimento.

Além da acção mecânica do vento, deformante do porte, os florestais conhecem muito bem quanto pode estorvar o crescimento esse elemento climático e por isso usam e estimam os revestimentos de protecção eólica, os arvoredos de abrigo. É oportuno, e começa a pensar-se a sério no caso entre nós, chamar a atenção do leitor para o facto desses arvoredos de abrigo se usarem com grande sucesso para a protecção de culturas não florestais, de culturas agrícolas, arborícolas e de pastagens. A chamada compartimentação com cortinas de abrigo visa exactamente pôr cobro à acção nefasta do vento forte, e com ela se conseguem, em verdade, incrementos na produção surpreendentes.

Ainda há pouco, aquando das Jornadas Florestais realizadas em Manteigas, foi apresentada pelos Engenheiros Silvicultores A. Pinto Elyseu e L. Toulson uma comunicação intitulada «O aproveitamento hidroagrícola do Rio Mira. Compartimentação Cultural e Microclima» na qual estes técnicos dão conta do problema da defesa contra os ventos no Aproveitamento Hidroagrícola do Rio Mira: «Dessa maneira só a presença duma arborização específica que, ao mesmo tempo, altere — melhorando — o clima, proteja o solo e as culturas da intensidade dos ventos dominantes e retenha a sua salinidade, conseguirá resolver o dito problema».

A transpiração, formada por factores externos e por factores internos, pode ser judiciosamente controlada pelo florestal, mediante a forma como escolhe

as espécies e estrutura os povoamentos. Para o efeito, torna-se necessário que entenda bem o fenómeno e as interacções que se estabelecem entre ele e aqueles factores.

Sem entrar em detalhes, convém chamar a atenção para os conditionalismos dependentes da luz e da temperatura, factores fundamentais do meio ambiente. A luz visível, correlacionada com a abertura estomática — estomas abertos de dia e fechados à noite, em princípio —, tem assim uma acção decisiva na transpiração estomática. As folhas, no comum dos casos mais quentes de dia do que o meio ambiente e mais frias de noite, encontram-se no período diurno em condições especiais de transpiração em consequência da maior pressão de vapor observada dentro dos espaços lacunosos do mesófilo, ou das câmaras estomáticas. Com o aumento da temperatura, do nascer do sol para o meio do dia, vai-se intensificando a transpiração, muito embora quando das mais altas temperaturas diurnas dos dias claros da época quente os estomas fechem usualmente, como consequência de uma perda de turgescência das células estomáticas e, portanto, se assista a uma quebra na transpiração.

A própria disposição das folhas, à parte a respectiva morfologia, condiciona o processo transpiratório, apontando-se exemplos clássicos, como o do *Pinus palustris*, em que uma disposição foliar antes paralela do que perpendicular aos raios solares defende até certo ponto a planta de solicitações intensas à transpiração; nesta maneira de ser se procura encontrar uma das causas da resistência à secura em regiões quentes, característica desta e de outras espécies similares quanto à disposição foliar.

De uma maneira geral, para os pinheiros admite-se que o próprio ensombramento mútuo ocasionado pelas agulhas, agrupadas como sabemos por 2, 3, ..., 8, deve ter certa influência benéfica sobre a economia em água, traduzida pela quantidade de água transpirada por unidade de peso de matéria verde, não obstante esse mesmo ensombramento se traduzir em desfavor, em determinadas circunstâncias, quando se considera o processo fotosintético.

≡ O ≡

APROVISIONAMENTO ARTIFICIAL DAS ABELHAS

I — GENERALIDADES

(Continuação do n.º 2426, pág. 506)

Pelo eng. agr. VASCO C. PAIXÃO
Director do Posto C. de Fomento Apícola

c) *É ou não útil provocar o desenvolvimento da postura?*

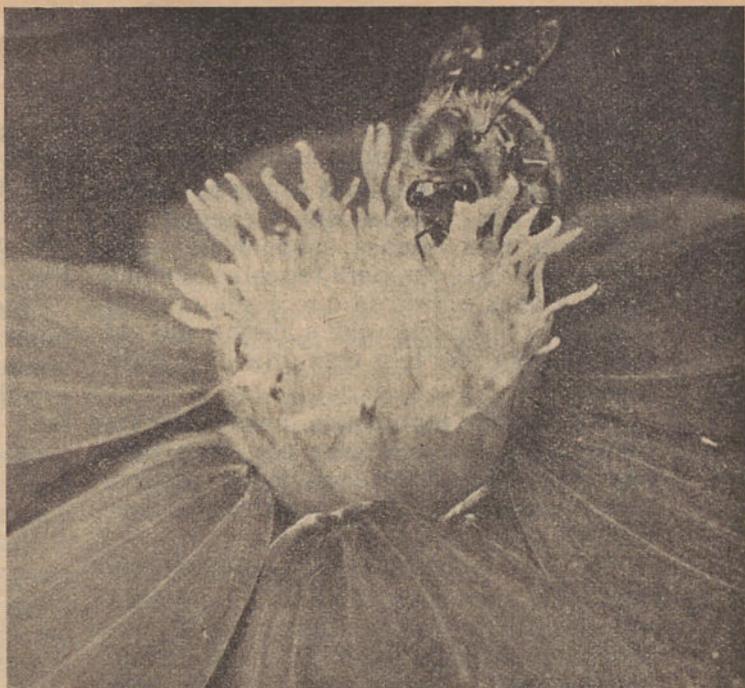
Normalmente, ao elevar-se a temperatura, a própria natureza leva as colónias a desenvolver-se com rapidez, poupando as reservas ou utilizando-as pouco a pouco.

Com muita razão, pois, dizem os apicultores experimentados que o melhor estimulante é uma boa provisão de víveres, um espesso agasalho contra os frios tardios e um belo dia de sol, cuja acção promove alguns carregos suplementares do exterior.

A postura começa, de facto, bastante cedo; as abelhas regulam-se, então, pelas reservas que têm na colmeia e pelo forrageamento diário e a rainha pelo calor que elas conseguem realizar e manter e pelas possibilidades de tratamento da futura ninhada.

Se o astro-rei sorri, durante algumas horas, as carreiras saem e vão recolher um pouco de néctar e muito pólen, iniciando-se em cheio a nova temporada.

Nestas circunstâncias, diz Devauchelle, é inútil dar uma alimentação estimulante, mas ela torna-se necessária depois, quando um brusco regresso do frio ou uma sequência de dias chuvosos obrigam as abelhas a permanecer no alojamento, porque a alimentação da ninhada dá lugar a um grande consumo de víveres; se, porventura, ela fosse suspensa as larvas e abelhas jovens consumiriam a existente e, não permitindo o tempo



que as carreiras forrageassem no campo, todo o enxame poderia morrer de fome.

Segundo Malagola, a nutrição estimulante de Primavera é útil só onde a colheita principal vier cedo, sem ser precedida por florações secundárias; onde a colheita for tardia a estimulação é prejudicial porque o desenvolvimento antecipado forçaria o apicultor a manter com nutrição obrigatória as suas abelhas durante um tempo excessivamente longo e, por isso, com um grande dispêndio, além de que as rainhas poderiam esgotar-se e o desenvolvimento descer, justamente quando era preciso ser máximo, mas, quanto a nós, este autor parece não estar a ver tão bem a questão como os seus patrícios Canestrini e Asprea.

Dizem estes, com efeito, que a resposta ao nosso quesito tem dado lugar a afirmações contraditórias, quando o costal da meada ⁽¹⁾ está todo, afinal, na localidade do apicultor:

a) Onde a grande floração nectarífera for precedida de florações pequenas, que dão um pouco de mel e pólen, a nutrição estimulante não interessa.

β) Onde, pelo contrário, a grande colheita para as abelhas chegar só com a

(1) Fios com que se ata a meada, para que ela se não enrede.

Primavera adiantada, a nutrição estimulante é verdadeiramente necessária.

Se queremos ver boas safras nas alças é preciso ter colmeias que à chegada da meladura mais intensa estejam a abarrotar de abelhas; ora, para ter estas abelhas aptas a libar é preciso que a sua criação comece a tempo (porque a abelha não vai forragear se não tem cerca de 15 dias de idade).

As abelhas regulam-se, nesta criação, pelas provisões que têm em casa, pela importação de néctar e pólen dos campos, pela temperatura, tanto externa como interna.

Se uma colmeia tiver provisões suficientes e uma boa rainha, já no Verão anterior, ela entrará no Inverno com uma forte população e, depois, iniciará e prosseguirá bem a criação da ninhada, sem necessidade de nutrição estimulante; na hipótese contrária, porém, não a dispensará.

Dar alimento às colmeias com provisões abundantes é que poderia ser até prejudicial, porque se subtrairiam células à ovificação.

Para Layens e Bonnier a alimentação especulativa não será de recomendar senão nas regiões particularmente favorecidas, isto é, onde uma prolongada análise meteorológica garante que as condições propícias são de ocorrência habitual.

Tais condições, em seu critério, são fundamentalmente as três seguintes:

1.^a que não nos tenhamos enganado na previsão do momento da grande colheita de néctares nem do aparecimento efectivo desta.

Se tivermos falhado nestas previsões serão inúteis os cuidados e o dispêndio de açúcar e ter-se-á constituido uma população forte, mas improdutivo, que, no caso duma falta absoluta de colheita, consumirá em maior quantidade as provisões anteriormente arrecadadas.

2.^a que um resfriamento súbito de temperatura não ocorra durante o dia, enquanto se efectua a alimentação especulativa.

Se, como acontece muitas vezes, a temperatura baixar demasiado, uma ou

várias vezes durante a alimentação, as abelhas excitadas pela meladura artificial que se lhes dá, saindo da colmeia por julgarem possível ir encontrar néctar sobre as flores, cairão entorpecidas pelo frio.

Neste caso a alimentação especulativa pode ter por efeito diminuir o número das abelhas em vez de o aumentar; o tempo e o dinheiro foram gastos com um resultado negativo.

3.^a que um frio mais intenso e contínuo durante alguns dias não sobrevenha durante a alimentação.

Se esta circunstância, imprevisível, vier a ocorrer, as abelhas serão obrigadas a apertar-se e abandonarão forçadamente uma parte da criação, por não a poderem já recobrir, a qual morrerá.

Neste caso, particularmente desfavorável, o apicultor terá despendido tempo e dinheiro para arruinar o apiário por suas próprias mãos.

A Associação dos Apicultores Ingleses, por seu turno, realizou metódicos e exaustivos ensaios para elucidar, de modo definitivo, se é ou não útil a alimentação estimulante de Primavera.

A dr.^a Eva Crane deu as normas para esta experiência, realizada de modo igual e simultâneo em colmeias situadas em regiões de flora e clima muito dessemelhantes.

Emparelharam-se, para o efeito, em Fevereiro de 1948, colmeias idênticas quanto a material, força de população, favos de reserva, idade e raça das rainhas, num total de 131 pares, em 86 apiários distintos; seguiu-se método idêntico ao empregado por Butler em 1945-46 em estudo similar, mas em escala mais reduzida.

Uma das colmeias de cada par recebeu alimentação estimulante—nuns casos xarope de açúcar, noutros mel diluído; a outra deixou-se ao seu próprio e natural desenvolvimento.

Não se conseguiu esclarecer o assunto, porém, de modo completo; ficou, assim, triunfante o critério, sustentado há muitos anos já pelos apicultores espanhóis Cabezas, de ser a alimentação estimulante de Primavera um recurso extremo e a prati-

car somente em determinadas colmeias débeis mas com rainha prolifica e, nestes casos, realizando-a com grande prodigalidade.

Dum modo geral, pois, a alimentação estimulante considera-se ainda hoje uma operação contra a natureza, um autêntico mal necessário, vantajosa em certas regiões, supérflua noutras, com bons resultados nalguns casos, mas também com os seus inconvenientes.

Efectivamente, se a alimentação da Primavera estimula o desenvolvimento da ninhada, um grande número de carreteiras vem a desaparecer depois, em resultado das saídas intempestivas provocadas pelos seus próprios efeitos.

Todavia, como as abelhas requerem uma considerável quantidade de água quando estão criando, alimentando-as, no principio da Primavera, com xarope muito diluído salvámo-las de muitos dias frios na busca do precioso liquido.

A duração da vida duma abelha está na relação inversa da quantidade de horas de voo; se, portanto, se livrarem os insectos de algum tempo de serviço externo, alimentando-os com água, obter-se-á depois maior colheita de néctar (Norman Schofield).

Processo dispendioso, carecendo de material adequado e exigindo cuidados e circumspecção, porque se não deve ali-

mentar quando faz frio, nem em excessiva quantidade, poucos o executam com a sagacidade e a sequência que impõe esta operação, de natureza assaz prolongada e delicada.

A alimentação estimulante recomenda-se, por consequência, apenas ao apicultor experimentado, dispondo de tempo suficiente e conhecendo a fundo a sua região, já que precisa estar perfeitamente inteirado dos periodos sucessivos da colheita dos néctares e deve saber evitar os danos ocasionados pelas descidas de temperatura imprevistas sobre o excessivo desenvolvimento da ninhada determinado pela operação.

Aos principiantes resta ensaiar o método em poucas unidades para ficarem sabendo se na sua localidade devem recorrer ou não a ele. Assim, alimentando, por exemplo, metade do apiário, tendo o cuidado de repartir as colónias em duas partes iguais sob o ponto de vista da força, o resultado indicar-lhes-á a utilidade da estimulação nas condições em que se encontram (Bertrand).

Em resumo:— nesta matéria somente podem dar-se conselhos gerais; o guia mais seguro é a experiência pessoal do apicultor e, ainda assim, os erros de cálculo não são raros.

(Continua)

CALENDÁRIO APÍCOLA

AGOSTO

As colmeias cujas abelhas façam «barba» é necessário aumentar o arejamento, quer collocando-lhes alças vazias, quer levantando-lhes os corpos sobre calços metidos no estrado.

A colocação de calços, porém, só é de aconselhar nas colónias muito fortes, pois que nas fracas poderia determinar um assalto às provisões por parte das abelhas de enxames estranhos.

Mantêm-se os bebedouros perto do

colmeal, se não existir água nas suas proximidades.

As colónias fracas, pela prolongada estiagem, deverão ser alimentadas artificialmente, com a indispensável circumspecção. Redobra-se a vigilância contra as tentativas de pilhagem.

A cera proveniente dos favos velhos e a resultante da desoperculação dos favos a que se extraiu o mel, deve ser purificada e, em seguida, mandada moldar.

A exposição agrícola em Braga

Foi esta, sem dúvida, uma das maiores atracções das tradicionais festas sanjoaninas da cidade.

O Sr. Dr. Felicíssimo de Campos, Presidente da Junta Distrital da Província do Minho, organizadora da exposição, saudou Sua Excelência o Secretário de Estado de Agricultura, que a inaugurou, e os membros do Governo que com ele se encontravam.

Em resposta, este agradeceu e salientou a gentileza com que sempre era recebido em Braga.

Relembrou os tempos em que, como técnico, trabalhou no Posto Agrário dessa cidade, o qual, no mês decorrente, tinha completado 40 anos de vida ao serviço da Agricultura. Felicitou os organizadores da exposição pela sua iniciativa e alvitrou que novas exposições fossem organizadas noutros concelhos. Em seguida percorreu todas as secções, tendo ficado muito bem impressionado.

Graças a uma perfeita e artística balisagem, feita com vasos de plantas ornamentais, as visitas faziam-se na melhor ordem, sem que nada ficasse por ver.

A entrada estava primorosamente ornamentada com plantas do Horto do Paço do Rei. Na primeira sala, os Laticínios das Marinhas (Esposende) expunham os seus produtos e ofereciam ao visitante amostras de queijo e manteiga.

Passava-se logo para o primeiro andar, em cujo átrio se admirava um conjunto de manequins com ricos trajes regionais antigos.

No primeiro salão, entre novos manequins, viam-se di-

versos tecidos regionais, tais como mantas, tapetes, toalhas e véus. Encontravam-se aí expostos, também, diversos produtos relativos às indústrias de carnes, lãs, laticínios e peles. E a Secção de Pecuária apresentava quadros relativos a vulgarização, efectivos pecuários do distrito e profilaxia.

A seguir encontrava-se a Secção da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas. Em numerosos painéis, mediante fotografias e dispositivos a cores, o visitante podia rapidamente fazer uma ideia bastante precisa das suas actividades.

Dois grandes quadros apresentavam elucidativas fotografias dos laboratórios, onde os investigadores trabalham incansavelmente para o progresso da Agricultura.

Chamava a atenção um grupo de dispositivos onde se explicava o moroso mas sumamente proveitoso trabalho que dá a produção dos milhos híbridos, levada a cabo pelo Posto Agrário de Braga.

Um aspecto da Exposição





Bar da Federação dos Grémios da Lavoura de Entre-Douro-e-Minho.

Noutros painéis mostravam-se estufas e campos destinados à investigação. Tomava-se também contacto com os trabalhos de inspecção de batata-semente e de searas de trigo e arroz.

Num quadro muito explícito dava-se conta da acção do Posto Agrário de Braga quanto a consultas sobre doenças, pragas, tratamentos de vinhos, etc.

Noutros painéis expunham-se fotografias referentes a tratamentos fitossanitários, erosão e maromba da vinha.

Também se fazia referência à Campanha de Silos e Nitreiras, Campos de Demonstração, Assistência Técnica, Cursos de Podadores e de Capatazes Fitossanitários do Posto Agrário de Braga.

Passava-se depois à Secção dos Serviços Florestais, onde, com fotografias, se chamava a atenção para as obras realizadas no perímetro da serra da Cabreira. Fazia-se referência ao combate às pragas e à cultura do choupo, que tanto peso pode vir a ter na balança da agricultura minhota. Em dois aquários admiravam-se exemplares de peixes exóticos e carpas.

A Secção da Junta Nacional de Produtos Resinosos, em

grandes fotografias, chamava a atenção para o problema da resinagem, que exemplificava com três troços de pinheiro; apresentava também os diversos apetrechos necessários ao moderno processo da resinagem química.

A seguir passava-se pela Secção da Junta Nacional das Frutas, Junta de Colonização Interna e Federação Nacional dos Produtores de Trigo, onde o visitante, por meio de painéis, fotografias e maquettes, ia tomando conhecimento das suas actividades.

Noutra sala, a Federação dos Grémios da Lavoura de Entre Douro-e-Minho instalou um *bar*, no qual eram servidos

ao visitante diversos lacticínios. Pelo exame de numerosas fotografias, mapas e gráficos podia-se avaliar o progresso dos últimos anos. Num quadro indicava-se a futura rede dos postos de abastecimento à cidade de Braga, para a qual a Direcção Geral dos Serviços Agrícolas tem prestado a sua melhor colaboração.

Na sala seguinte, a Comissão Reguladora da Região dos Vinhos Verdes, num interessantíssimo gráfico, mostrava a distribuição dos produtores por classes de

(Conclui na pág. 585)

Stand da Sociedade Agrícola e Comercial do Norte, L.da



A fertirrigação, um caminho para maior elevação de rendimento

— Por M. C. —

VI — Técnica de fertirrigação

Sobre o problema da execução técnica da fertirrigação, convém dizer-se o seguinte:

A rega adubada pode executar-se por meio de aparelhos automáticos ou não. Nos não automáticos o adubo é primeiramente dissolvido num reservatório apropriado, por exemplo, uma barrica de estume.

Esta solução original é então conduzida, por vários processos, à tubagem e misturada com a água da rega. Nos E. U. A. são para isso utilizadas, entre outros aparelhos, pequenas bombas, as quais levam a solução de adubo com sobre-pressão às tubagens de pressão. Também é possível e usual uma condução da solução de adubo através de uma tubagem colateral da tubagem de aspiração. FRIEDMANN utiliza para isso um injector, o qual permite conduzir para a tubagem de pressão esta solução de adubo original numa determinada relação, de forma a que, através dela, a concentração de solução de adubo pode ser regulada. Este processo origina, no entanto, uma perda de 25% da pressão presente na tubagem, de maneira que, para se obter a pressão de funcionamento necessário no bico, a bomba deverá ser regulada para uma maior pressão de serviço.

Mais conveniente e economicamente funcionam os aparelhos automáticos tais como o PRIZER APLICATOR usado nos

E. U. A. e o aparelho de solubilização de adubo desenvolvido pela firma Mannesmann, de Dusseldorf. Estes aparelhos tornam desnecessária uma agitação separada ou solubilização do adubo num depósito, apenas necessitando para o efeito de água corrente. A economia do custo do trabalho destes aparelhos, é de, aproximadamente, 50%, em relação aos custos de trabalho por meio de um espalhador de adubo. Nestes aparelhos o adubo é lançado num depósito vertical que na parte inferior possui um peneiro cilíndrico, sobre o qual o adubo descansa. A água introduzida no depósito por uma tubagem colateral em direcção tangencial por baixo do peneiro, circula em torno deste, conduzindo a uma dissolução lenta e uniforme do adubo. A solução de adubo assim produzida é conduzida à tubagem principal através de uma tubagem de saída e depois incorporada no terreno por meio dos aspersores. Para se obter uma mistura íntima da solução de adubo com a restante água de rega, a entrada da tubagem colateral na tubagem principal é também em direcção tangencial.

Estes aparelhos funcionam sem qualquer perda de pressão. A velocidade de dissolução e a concentração da solução de adubo pode ser regulada à entrada por meio de uma válvula corrediça. Assim, não só são independentes da quantidade de água transportada para a tubagem principal, como também da pressão de funcionamento. Podem ser também intercalados por meio de tubos de acopla-

mento rápido, em tubagens principais ou colaterais.

Por outro lado, a quantidade de adubo a incorporar no terreno pode ser rigorosamente determinada em função do número de aspersores em funcionamento e seus compassos, alcance de jactos e pressão de serviço nos bicos. Fixada a quantidade de adubo a aplicar, carrega-se o aparelho e dá-se início à fertirrigação, carregando-se novamente o aparelho a quando da mudança da posição dos aspersores. Se o depósito de adubo não for suficiente para a recepção de maiores quantidades de adubo, deve então a quantidade de adubo seguinte ser calculada para uma 2.^a aplicação para a mesma montagem de aspersores e introduzida no depósito de adubo e regada. Para grandes instalações são usados tanques de adubo correspondentemente grandes.

Resumo

Resumindo, pode ser dito que à fertirrigação, como meio de completar e aperfeiçoar a rega por chuva artificial, está reservada no futuro uma grande importância. Como é nova, necessita ainda, no entanto, uma experiência mais profunda. Nas zonas húmidas ela não é, de modo nenhum, um substituto do espalhador de adubo, mas sim um complemento do mesmo. A sua utilização é limitada aqui a uma adubação de cobertura. Em zonas áridas, pode, pelo contrário ser também considerada uma distribuição da adubação profunda com o processo da rega adubada. A fertirrigação abre uma série de vantagens. Torna possível, durante o período total de vegetação, um abastecimento contínuo, originando fontes lentas e constantes de substâncias assimiláveis conduzindo, pelo menos em relação ao azoto — e isto poderia também ser dito num sentido mais largo para outros adubos facilmente solúveis — ao aumento da sua acção e a uma diminuição considerável dos custos de trabalho. Constitui o meio mais apropriado para a distribuição de quantidades de adubo mais altas que as possíveis sem rega e a forma mais conveniente e mais eficiente da sua distribuição no tempo. Tècnicamente está tão desenvolvida que hoje se apresenta já de execução irrepreensível.

A Exposição Agrícola em Braga

(Conclusão da pág. n.º 585)

produção. Num mapa estava patenteada a região dos vinhos verdes e suas sub-regiões. E noutro mapa indicava-se quais as adegas cooperativas em actividade, as que estão em construção, as projectadas e as previstas. Várias casas, entre as quais as adegas cooperativas, expunham os seus vinhos.

Passava-se depois ao exterior, deparando-se logo ao visitante a Secção da Sociedade Agrícola «Quinta de S. Miguel». Esta também expunha os seus vinhos, plantas ornamentais, árvores de fruto envasadas, e numas gaiolas apropriadas, apresentava galinhas e perus.

Mais adiante, a mesma Sociedade instalou curiosos exemplares de raças porcinas e bovinas.

Outro expositor fazia-nos admirar oito formosos casais de faisões.

A seguir encontrava-se a Secção de tractores e motocultivadores, representados pelas marcas Bungartz e Ransomes. Esta secção, por falta de espaço, continuava, em frente da entrada, na Avenida Central, com as marcas Fiat, Deutz e Ford.

Organizada pelo Posto Agrário de Braga, via-se, depois, a Secção relativa à Comemoração do Centenário da Máquina em Portugal. Nesta Secção encontravam-se, lado a lado, as mais antigas máquinas, tais como arados e grades de madeira e os seus modernos sucessores, accionados por poderosos tractores. Ai se nos deparavam, marcando a evolução sofrida, descaroladores, moinhos, pulverizadores, etc.

A seguir encontrava-se o *stand* da Sociedade Agrícola e Comercial do Norte, L.da, apresentando diversos produtos para a agricultura e máquinas, entre as quais se encontravam os motores de rega «Pachancho», feitos em Braga.

A casa «A Lavoura» de Famalicão, apresentava máquinas, material avícola e apícola. E, finalmente, a casa «Sialal», de Barcelos, além das suas máquinas agrícolas, fazia-nos admirar uma linda colecção de pássaros e expunha diversos produtos destinados à criação dos mesmos.

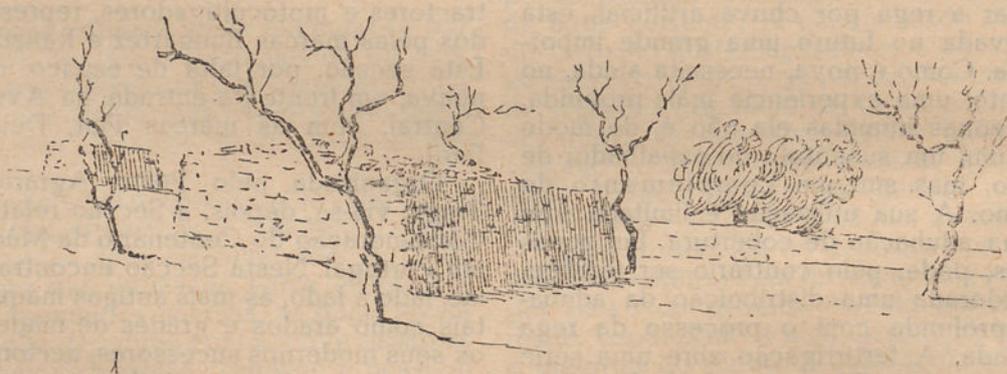
Processos de amontoamento da pedra de limpeza, e muros de vedação

Por FERNANDO GALHANO

NUMA recente viagem pelo sul do País mais uma vez observei com a costumada e repetida surpresa, a N. E. de Faro, imensos muros de pedra miúda, assim arrumada para que pequenos espaços de terra fiquem dela livres. E outra vez, depois de tantas outras, pensei no esforço das gerações que passaram ao prepararem muita da nossa terra de cultura. Não me quero referir a casos extremos, como o do xisto desmontado a ferro, partido à marreta, e coberto por fim por uma delgada camada de terra

e pelo raizame das árvores que os bordejam, riscam as vertentes de degraus delgados; no Inverno, o excesso da água provoca aluimentos, e é preciso trazê-la bem guiada de modo a não ensopar demasiado a borda do valado.

Nas planícies arenosas do litoral do centro do País, especialmente pela região da Gândara, entre Aveiro e a Figueira, o esforço não foi propriamente a preparação do terreno, mas as estrumações maciças indispensáveis à cultura desse solo pobríssimo. A caruma dos pinhais,



trazida de longe; mas mesmo as soluções mais gerais, que permitiram maiores aproveitamentos.

O socalcamento das encostas é usado especialmente em terras soltas, em que a erosão faz prejuízos rápidos. Uma vez, os socalcos são baixos, regularizando apenas o ondulado do terreno, procurando nivelar os campos de terra leve que as chuvadas do Inverno arrastam com facilidade; outras, os socalcos sobem pelas encostas, muros altos e fortes de pedra, que transformam as vertentes em escadarias gigantescas. Em terrenos mais húmidos, os valados de terra, robustecidos por uma cepa de erva sempre viçosa

o moliço da Ria e o estrume dos campos do Mondego trazido em carro de bois numa longa viagem de léguas, foram os elementos que deram a esses descampados estéreis a possibilidade de proveitamento. Pelo contrário, nas areias da costa entre Póvoa de Varzim e Esposende, os campos são enormes covas rectangulares escavadas nas dunas, em que a areia foi removida a cesto, e em que a cultura depende do sargaço tirado do mar, como já vimos em outra ocasião.

O assunto de hoje, porém, como dissemos, foi sugerido pelas variadas formas de arrumação da pedra de limpeza dos solos pedregosos. Alguns desses solos

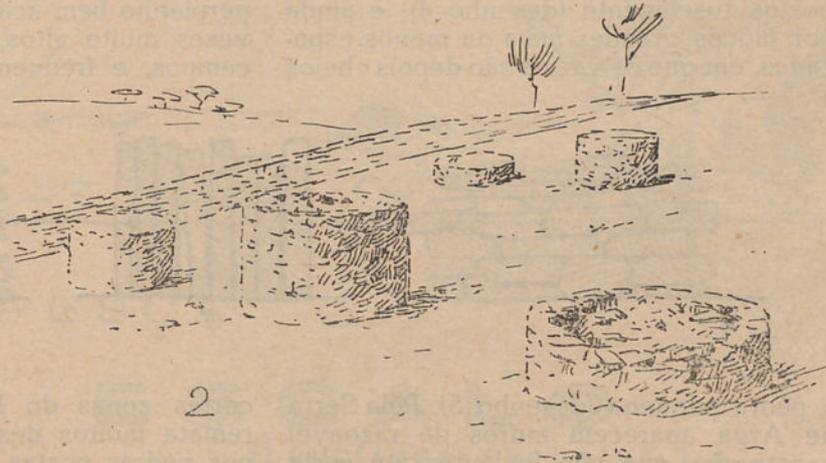
não passam de uma cascalheira solta e miúda, que o arado levanta e remexe facilmente; outros, tem o lavrador de os limpar dos calhaus maiores, que dificultam a lavoura ou qualquer outro grão, arrumando as pedras em montes, muros, etc., segundo formas já fixadas pela tradição.

O Algarve dá dessas diferentes formas de arrumação exemplos curiosos. Em alguns sitios da Serra, nas terras pedregosas de xisto, para vingarem os grãos que ficariam abafados pelas lascas maiores, erguem estas de cutelo, encostadas duas a duas ou três a três, e as encostas estendem-se eriçadas de pedras. Onde o calhau é muito, reúnem-no em montes pequenos quase informes, que pendem contudo para o cone, às vezes com um rudimento de parede. Mas é nos solos calcáreos que os processos de amontoamento são mais variados. Para conseguirem um pouco de terra mais limpa, empilham as pedras em montes compridos e caprichosos, que lembram por vezes ruínas de velhas povoações.

Na região entre S. Brás de Alportel e Tavira, esses muros, subindo aos cabeços ou seguindo as encostas, têm dois metros e mais de espessura, e as faces são paralelas e bem desempenadas. Os muros dos socalcos são do mesmo modo espessis-

truidos, mas mais delgados e estreitecendo para cima.

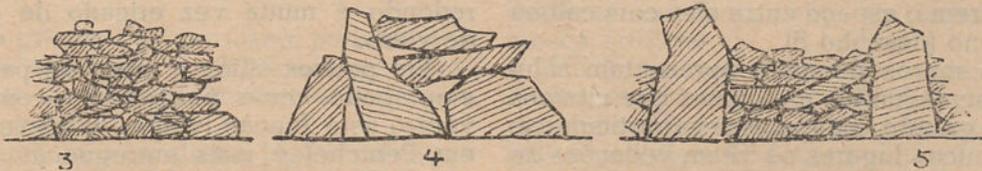
A abundância de pedra solta nos solos calcáreos dá lugar, por outras zonas do



2

País, a soluções parecidas com as algarvias. Os longos muros que se podem ver entre Fátima e Ourém, ou os montes de planta oval ou elíptica da Serra de Aire, lembram na verdade os amontoados do Algarve, mas não se apresentam com o aparelho exterior tão bem acabado. Em certos pontos do Alentejo, como Alvito, Cuba, Castelo de Vide, etc., os montes são cilíndricos, de um a três metros de diâmetro (desenho 2). Pelo resto do País os montes de pedras são no geral informes e de tamanho muito variável; e é frequente, para economizar terra, encastelarem os calhaus sobre os blocos maiores, que não podem remover.

E já que falamos de muros construídos com este fim, falaremos também dos muros



3

4

5

simos, e é sobre eles, às vezes, que seguem os próprios caminhos. Os montes de pedra, em forma de pirâmide truncada, têm igualmente as faces muito bem cuidadas (desenho 1). Para os lados de Alte e Salir, vêem-se também muros bem cons-

de pedra especialmente feitos para vedação, e cujo material, pelo contrário, vem muitas vezes de longe.

Nas áreas graníticas, principalmente em zonas serranas, são vulgares muros que não passam de um encastelado mal

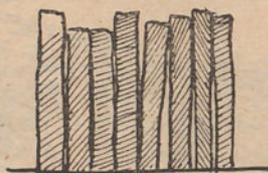
seguro de pedra miúda, mas que são na verdade difíceis de transpor sem os demolir (desenho 3). É contudo também frequente eles serem constituídos por grandes blocos informes, encostados ou sobrepostos toscamente (desenho 4); e ainda por blocos grandes mais ou menos espaçados, em que os vazios são depois cheios

lages são delgadas, encostam-se-lhes outras da largura do muro, de modo a formarem encosto seguro à pedra miúda (desenho 9).

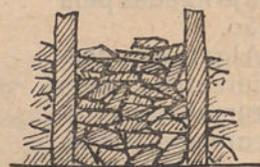
Além destes muros rudes há os de perpianho bem acabados e gateados, por vezes muito altos, fechando quintas ou campos, e frequentes especialmente em



6



7



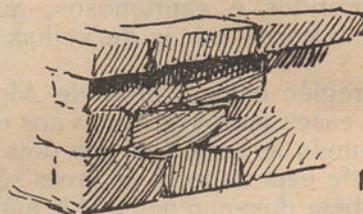
8

a pedra pequena (desenho 5). Pela Serra de Arga aparecem muros de razoável construção, que vão fechados até certa altura, sendo daí para cima um encastelado de pedras chatas que deixam entre si vazios cada vez maiores (desenho 6). Nos locais em que o granito fende em lascas regulares, há muros que são longas fiadas de esteios espetados no chão (desenho 7); e igualmente surge a solução de espetarem esses esteios espaçados, e

certas zonas do País. O capeado que remata muitos destes muros é formado por pedras postas ao baixo — por vezes salientes para o exterior, como nos antigos fojos (desenho 10), ou por blocos talhados de forma que esse remate fique arredondado. Esta forma boleada é também realizada com pedra pequena, bem apertada uma contra a outra quando em lamelas de xisto, argamassada de granito. Para dificultar a passagem, este remate



9



10

encherem o espaço entre eles com calhau pequeno (desenho 8).

Os muros de xisto apresentam soluções semelhantes a algumas que citamos para o granito, e algumas mais particulares. Em poucos lugares se vêem vedações de grandes lâminas espetadas a prumo (como nos esteios), pois raras vezes essa pedra racha em grandes lascas. O mais vulgar é, pois, o muro de lâminas pequenas postas ao baixo, contínuo, ou interrompido a distâncias regulares por lages maiores postas ao alto. Neste último caso, como essas

redondo é muita vez eriçado de cacos de vidro.

Em poucos sitios o muro de pedra é empregado como protecção contra o vento; esta função (vulgar, por exemplo, em Peniche) é mais entregue às sebes vivas. O muro evita mais a passagem de animais ou pessoas; mas em certas áreas do País, especialmente pelo N. W., eles chegam pela sua grande altura a vedar a vista de quem passa, num resguardo excessivo e hostil, que é talvez mais uma afirmação de propriedade.



CAÇA E PESCA

○ ESCALO ○

(*Leuciscus cephalus*, L.)

Por ALMEIDA COQUET

ENTRE os vários peixes de água doce espalhados pelos rios da Europa, o ESCALO—ou Bordalo—é um dos que merece atenção nos rios portugueses, porque, embora não sendo um peixe de qualidade como a truta, tem, no entanto, um certo interesse para a pesca desportiva.

Entre nós não se adopta uma classificação dos peixes de água doce, como os ingleses fazem, dividindo-os em dois grupos, a saber:

Game Fish — trutas e salmões,
Coarse Fish — os restantes.

Do primeiro grupo fazem parte os peixes de qualidade excepcional para desporto (e mesa) e dos restantes os de qualidade mais grosseira.

Embora o escalo em Inglaterra esteja incluído no segundo grupo, o facto é que há uma época do ano (Julho/Setembro), em que ele procura alimento à superfície da água, prestando-se assim à pesca com mosca artificial (pluma), e daí o interesse desportivo.

É provável, porém, que muitos dos

pescadores da nova geração julguem que o escalo não atinge tamanho suficiente para que a sua pesca possa realmente interessar.

De facto, hoje em dia, a perseguição aos peixes por forma indiscriminada deu lugar à destruição maciça das várias espécies, e geralmente só vemos nos ribeiros indivíduos de pequeno porte. E, no entanto, há mais de trinta anos, em vários pontos do rio Leça tiramos escalos de mais de meio arrátel, por vezes de um arrátel.

Dando luta capaz, constituía a sua pesca à pluma um óptimo treino para destreza no lançamento da linha com mosca artificial.

Há mais variedades de escalos, e mesmo em Portugal, o catálogo do Dr. Lopes Vieira (Universidade de Coimbra, 1901) indica-nos, além do *L. cephalus*, o *L. cavendani*, Bonap., o *L. dobula*, Cuv. Val. e o *Squalius cephalus*, Moreau, sendo este último, possivelmente, o mesmo que o primeiro.

Há quem advogue a ideia de que para os peixes de água doce, como o escalo, a boga e o barbo, não devia haver época

de defeso. Aqui no norte, e também no centro do país, para que da sua destruição pudesse lucrar o desenvolvimento das trutas; no sul, para que se pudessem



Note-se o tamanho deste escalo em relação às mãos do pescador. E sem dúvida um peixe que se pode meter no cabaz

pescar nos riachos e valas que quase secam no verão. Assim, pretendia-se pescá-los em Maio, mais ou menos época da criação. De facto, o Regulamento de 1893 fixou o defeso nos meses de Maio e Junho.

Mas não podemos concordar com tal ideia, pois entendemos que se deve res-

peitar a época da reprodução. Em Inglaterra, o escalo tem a sua época de defeso também em Maio e Junho. E assim noutros países. De resto, nem todos os rios poderão manter trutas, e, em muitos ribeiros, o escalo pode ser o peixe principal em desenvolvimento e pesca.

Falta indicar as plumas a utilizar. De preferência pretas ou então castanho escuro; raras vezes em tons mais claros. Em qualquer caso, usar sempre anzóis pequenos.

Para pescar, procurar os escalos *atonados*, e colocar-lhe a *mosca* cerca de um a dois palmos à frente, com leveza, sem fustigar a água. Depois, é um instante; embora menos rápido que a truta, ele saltará à pluma. Mas se o exemplar pescado for pequeno, descrove-se com cuidado e devolva-se ao rio.

Procedendo assim, em dois ou 3 anos se verificará a diferença nos cardumes, com inúmeros escalos de cerca de palmo.

Leitor amigo, se gostas de pescar nos nossos rios, experimenta uma sessão aos escalos, com a cana de pluma, numa tarde de calor. É se gostares, repete; pelo menos, enquanto não houver certa abundância de trutas...

PUBLICAÇÕES

O Milho — Ph. Jussiaux — Tradução do Eng. António Lopes Ribeiro.

Em edição da Livraria Clássica Editora acaba de aparecer a obra em epígrafe, integrada, com o n.º 30, na colecção «Fontes de Riqueza».

A obra é conhecida e apreciada, mas a tradução portuguesa está francamente valorizada pela adaptação que dela fez o Eng. Lopes Ribeiro que, longe de se limitar a seguir o texto original, o interpretou, completou e adaptou ao caso português, tornando-o assim de marcada utilidade.

Alguns dos capítulos, como o que trata de híbridos e o da regulamentação da produção e venda de semente são, segundo cremos, pela primeira vez tratados em obra de divulgação e duma grande oportunidade.

Quando se ouve um coro de lamentações pelos baixos ou negativos resultados económicos da cultura do milho, quando certos profetas afirmam repetidamente ter acabado a «época» do milho, bom é que apareçam obras como esta, divulgando, esclarecendo, ensinando, numa justa apreciação de que a cultura do milho continuará sendo uma cultura fundamental e que difícil será encontrar outra que atinja os seus altos rendimentos quando devidamente localizada, bem efectuada e com o recurso aos híbridos de alto rendimento e a fertilizações convenientes.

Mesmo como cultura forraginosa, integralmente cultivada com esse destino, o milho não encontrou ainda planta de substituição vantajosa.

Oportuno foi pois o aparecimento deste volume da colecção «Fontes de Riqueza» e bem fez o seu ilustre tradutor em o ter adaptado tão esclarecidamente ao caso português.

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Dr. A. Pinheiro Torres, Advogado; Prof. António Manuel de Azevedo Gomes—do *Instituto Superior de Agronomia*; Dr. António Sérgio Pessoa, Médico Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrônomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves—do *Instituto Superior de Agronomia*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrônomo—da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrônomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrônomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrônomo—da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrônomo—*Director do Posto C. de Fomento Apícola*.

II

FRUTICULTURA

N.º 131 — Assinante n.º 35:587 — *Fig. da Foz.*

LAVRA E SEBE DE ABRIGO DE UM LARANJAL

PERGUNTA — 1.º — A lavra dum laranjal, utilizando o clássico arado, oferece os mesmos inconvenientes da charrua?

Faço a pergunta porque o amanho tornar-se-ia incomparavelmente menos dispendioso.

2.º — O cipreste é árvore recomendável para uma sebe de abrigo de um laranjal? É planta de crescimento rápido? Onde adquiri-los em condições económicas?

RESPOSTA — 1.º — Na lavoura do laranjal pode usar-se a charrua ou o arado, convindo que as mobilizações de terreno não sejam muito profundas, dado que as laranjeiras têm um sistema radicular bastante superficial, sendo, portanto, prejudicado quando se praticam lavouras fundas.

Devem evitar-se as lavouras, ainda que superficiais, durante os períodos de maior actividade vegetativa, sendo conveniente, durante esses períodos, fazer apenas sachas ou gradagens, operações muito mais superficiais, de forma a não se prejudicar nessa altura o sistema radicular da fruteira.

2.º — O *Cupressus lusitânica* e o *C. macrocarpa*, vulgarmente designados

por cedros, ainda que impròpriamente, prestam-se muito bem para a constituição de sebes ou abrigos, dado o seu crescimento rápido, dando sebes espessas, altas, se assim se desejarem, e bonitas, sobretudo se forem bem aparadas.

Podem adquirir os *Cupressus* em qualquer viveirista mas é preferível requisitá-los à Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas — Av. de Duarte Pacheco — Lisboa, ou a qualquer das suas Administrações Florestais. Convém plantar plantas envasadas ou em sacos de plástico, pois pegam melhor do que as de canteiro. — *Madeira Lobo.*

III

VITICULTURA

N.º 132 — Assinante n.º 42787. — *Cadaval.*

ENXERTIA DE VINHA. ESCOLHA DE CASTAS

PERGUNTA — Plantei, este ano, uma vinha em terreno franco argilo-arenoso, solo ácido pH 5,30.

A terra foi arroteada à profundidade de um metro e o bacelo plantado é o Montico que se dá muito bem nesta região.

Em virtude da dificuldade cada vez maior de mão-de-obra, penso enxertar no ano que vem castas que produzam bem, com a poda de talão, evitando assim a empa.

Peço-lhe o favor de me esclarecer quais as

castas de branco e tinto com que me convém enxertar.

RESPOSTA—No Sul estão generalizadas podas que se podem classificar de curtas, como a indicada pelo senhor consulente.

A execução da poda por este sistema é muito mais simples e fica portanto muito mais barata e evita praticamente a empa.

Apesar destas vantagens aparentes os inconvenientes são tão grandes que somos de parecer que o sistema deveria ser substituído, usando-se em vez deste —podas mistas de vara e talão.

Este sistema tem a vantagem de aproveitar o terço médio da vara, zona onde se localizam os gomos melhor constituídos e portanto mais produtivos. Basta observarmos uma vara para nos convenceremos imediatamente desta afirmação.

Não se contraria tanto a tendência expansiva da videira, é uma poda mais natural, do que resulta a videira viver mais e a vegetação ficar melhor distribuída entrando melhor a luz, do que resultam uvas mais doces, e entram melhor os tratamentos, evitando-se desta maneira mais facilmente as doenças criptogâmicas, mildio e oídio.

É certo que obriga a uma armação e à empa, mas a vegetação fica melhor distribuída e arrumada, do que resulta o trabalho da máquina ser facilitado.

Ponderando bem as coisas, deve-se ir para este sistema de poda, em vez da poda de talão, pois dá melhores resultados, quer nessa zona quer mesmo no Alentejo, havendo apenas necessidade de armar as vinhas em arames suportados por esteios de pedra ou ferro.

As castas mais indicadas para essa zona são:

a) Tintas—Trincadeira, Castelão Francês, João de Santarém, ou Periquita, Tinta Mole, Mureto e Mourisco.

b) Brancas—Fernão Pires, a casta que conhecemos que se adapta melhor às podas curtas, Boais, D. Branca, Malvasia, Rabo de Ovelha, Arinto e Galego Dourado.

Não convém enxertar muitas variedades, interessa ter poucas mas boas.—*Madeira Lobo.*

N.º 133 — Assinante n.º 43:434 — Alenquer.

RECONSTITUIÇÃO DE VINHA OU SUA SUBSTITUIÇÃO POR OUTRA CULTURA

PERGUNTA — Tenho uma propriedade localizada entre Carregado e Alenquer, com a área de 20 ha, plana, varzea com bastante água e toda posta de vinha com a idade de 40 a 50 anos, dando uma produção de 1.000 a 1.200 litros por milheiro de cepas.

Como as despesas nos referidos amanhos são bastante elevadas, tornando-se anti-económica a exploração desta propriedade, tomo a liberdade de recorrer aos serviços técnicos dessa *Gazeta*, pedindo o favor de me elucidarem tecnicamente sobre o que, de futuro, devo fazer para se obter economicamente melhor resultados.

Para melhor elucidação à informação a dar, agradeço que me responda às seguintes perguntas:

1.º Procedendo ao arranque da vinha para fazer nova plantação, qual será o bacelo e enxerto mais aconselhável para se obter maior produção e vinho de boa qualidade?

2.º Arrancando a vinha velha, será aconselhável no mesmo ano plantar a nova?

3.º Qual o viveirista mais indicado para o fornecimento do bacelo respectivo?

4.º Pretendendo também mecanizar a nova vinha, qual será o alinhamento das cepas mais indicado, de maneira que a máquina não prejudique a cepa e evite quanto possível o trabalho do homem?

5.º Quais as máquinas (tractores e suas alfaias, pulverizadores ou atomizadores) que me aconselha empregar?

6.º Por ha, qual será a despesa aproximada nos amanhos da futura exploração, número de cepas e sua produção?

7.º Se economicamente for aconselhável outra exploração agrícola, substituindo a vinha qual aconselha?

8.º Tendo esta propriedade 3 caminhos (ruas), agradeço que me indique quais as árvores de fruta que devo plantar nas respectivas margens?

RESPOSTA — As possibilidades de aproveitamento da propriedade em causa são muitas e a vinha tal qual está não valoriza devidamente o terreno, susceptível de dar um rendimento muito maior.

No aproveitamento futuro do terreno pode considerar-se a vinha, fazendo-se a reconstituição desta, cultura que está dentro da rotina da região, ou a plantação dum pomar utilizando-se as novas formações — método de Bouchá Thomaz, palmeta livre, palmeta ordenada, etc.

Desde que queira fazer a reconstituição da vinha terá que se munir antes da necessária autorização, a qual, como já aqui foi dito, terá que ser requerida ao sr. Director Geral dos Serviços Agrícolas,

não devendo fazer o arranque sem que a vinha velha tenha sido vistoriada.

Pelo que se refere ao segundo aproveitamento aconselhado — o pomar, foge mais à rotina, sobretudo a cultura sob as formas industriais aconselhadas que começam a ter grande generalização nos países de fruticultura adiantada, mas que em Portugal se pode dizer não deram ainda os primeiros passos.

O futuro pertence, porém, a estas formas ou semelhantes, pelo que actualmente não se compreende um pomar com as clássicas formas, por estas serem anti-económicas e estarem, portanto, condenadas.

Passemos a responder às perguntas do senhor consulente:

1 — Os porta-enxertos mais aconselháveis são em primeiro lugar o 420 A e seguidamente o 3.309 e o 101/14.

Pelo que se refere às castas deve procurar as mais adaptáveis à região e susceptíveis de darem vinhos de melhor qualidade, nomeadamente:

Tintas: João Santarém, Preto Martinho, Tinta do Padre António, Tinta Grossa, Trincadeira e Mureto.

Branças: Fernão Pires, Rabo de Ovelha, D. Branca, Arinto, Carrasquenho e Boal.

2 — Não convinha plantar a seguir ao arranque, mas entregar antes a terra durante um ou dois anos a culturas melhoradas, tais como: leguminosas, para enterar em verde ou para forragem, batatas ou culturas sachadas.

3 — Para a aquisição do barbado deve dirigir-se a um viveiro de confiança, podendo, para o efeito dirigir-se a um viveiro dos Serviços Officiais, ou a um industrial, aprovado pelos serviços de fiscalização, cuja lista é publicada no *Diário do Governo*, todos os anos.

4 — Na época que atravessamos deveria ser proibido plantar vinhas de forma que a respectiva cultura não possa ser mecanizada, pois não se poderá contar com a abundância de mão-de-obra que se verificou até ao presente; o preço de custo tem que ser reduzido de forma a poder-se acompanhar o do mercado internacional, o que somente se pode conseguir mecanizando.

Nesta ordem de ideias, os compassos

clássicos têm que ser aumentados — 2 a 3 metros na linha, dependendo da natureza do terreno e da extensão da vinha. Nas terras melhores os compassos têm que ser aumentados, pois conta-se com uma melhor vegetação; nas vinhas mais extensas igualmente se deve prever esse aumento de forma a permitir-se a utilização de tractores mais potentes, portanto maiores.

No caso presente deverá adoptar-se um compasso de 2 metros a 2,5 entre as linhas e de 1,2 a 1,5 na linha.

5 — Para uma exploração de 20 ha de vinha está indicado o material seguinte:

um tractor de 10 a 12 c. v. a gasolina ou um de 15 c. v. Diesel
um atomizador acoplável ao tractor
uma charrua vinhateira
uma fresa.

São aconselháveis os atomizadores em vez dos pulverizadores.

6 — As despesas com a cultura mecânica são muito variáveis, como é óbvio, dependendo fundamentalmente das máquinas utilizadas e do partido que se tira destas, mas nesta altura ainda não possuímos dados seguros que possamos fornecer. Podemos, no entanto, afirmar: a cultura fica muitíssimo mais barata, sobretudo numa zona, como essa, de salários altos. A diferença deve ser um certo número de vezes menos em comparação com a duma vinha não mecanizada.

O número de cepas por ha empregando o compasso de $2^m \times 1,2^m$ será de 4.000 aproximadamente, e se empregar o de $2,5^m \times 1,2^m$ será cerca de 3.330.

A produção por superfície não é inferior, antes pelo contrário, porque, como regra, empregam compassos demasiado reduzidos na cultura rotineira, os quais não permitem um normal desenvolvimento da videira.

7 — Já respondido.

8 — Na hipótese de ir para a exploração dum pomar interessava que utilizasse nas ruas a mesma espécie que cultiva. Se optar pela vinha, pode plantar pessegueiros nos arruamentos, se desejar uma produção precoce, ou macieiras se estiver disposto a esperar mais uns anos. — *Madeira Lobo.*

VINHOS—AZFITES—Secção técnica, sobre análises de vinhos, vinagres, aguardentes e azeites, etc. Consultas técnicas e montagem de laboratórios. Licor para todas as análises, marca VINO-VITO. Aparelho para a investigação de óleos estranhos nos azeites. — Dirigir a VINO-VITO R. Cais de Santarém, 10 (ao Cais da Areia) — LISBOA — Telefone, 27130

V

HORTICULTURA

N.º 134 — Assinante n.º 44:613 — *Trevões (Alto Douro)*.

CUIDADOS CULTURAIS A OBSERVAR EM UM MORANGAL

PERGUNTA — Tenho um morangal que está quase no fim da produção; que lhe devo fazer depois desta?

Em Outubro ou Novembro deverei mudar as plantas? Foram plantadas em Novembro de 1959.

RESPOSTA — Após a produção convém manter os cuidados culturais no seu morangal de forma a permitir uma boa vegetação e a acumulação de reservas que permitirão a frutificação no próximo ano.

Desta forma devem continuar as regas de maneira a ter-se sempre a terra com o conveniente estado de humidade, e as sachas para o manter livre de ervas daninhas.

Convém cortar os braços em excesso de forma a evitar uma excessiva formação de estolhos.

No Outono é conveniente fazer-se uma estruturação e, quando se avizinhar o tempo das geadas, é boa prática cobrirem-se com palha, ou mesmo mato, de forma a evitarem-se os prejuízos causados por estas e, dessa forma, poder-se contar com uma produção mais antecipada.

Não convém fazer a transplantação senão quando o morangal começa a enfraquecer, portanto, se as coisas correrem normalmente, esta operação não se justifica antes do 3.º ano de exploração.

Quando se proceder a esta operação deve ter-se o cuidado de aproveitar apenas os estolhos dos pés mais sãos, e de maior produção.

Dessa forma devem desaproveitar-se todos os que apresentem folhas enroladas, amarelas, etc., pois convém que as doenças de que são portadores esses estolhos não vão para o novo morangal. — *Madeira Lobo*.

VII

PATOLOGIA VEGETAL

N.º 135 — Assinante n.º 43:314 — *Moimenta da Beira*.

VERMELHIDÃO DAS FOLHAS DE VIDEIRA

PERGUNTA — Junto envio umas folhas de videira, pedindo o favor de me informar qual a doença que as atacou e qual o tratamento a fazer, em futuro.

RESPOSTA — A cor vermelha, e todo o demais aspecto que a sua amostra apresentava forma um conjunto sintomatológico acerca do qual divergem, por imprecisamente conhecidas, as verdadeiras causas como julgadas capazes de o determinarem.

— Causas patogénicas com origem em vírus, ou picadas de insectos; insuficiências em determinados elementos do solo necessários à vida da videira; ou, pelo contrário, o seu excesso onde a videira se encontra a vegetar podem originar aspectos como os revelados pela amostra. Aspectos idênticos podem ainda ter por causas factores climáticos, provocando outonamentos precoces, ou mesmo «fotocidades» provocadas por tratamentos, especialmente cúpricos. No caso da videira, tais tratamentos, em certos anos e em determinadas castas, brancas ou tintas, podem originar semelhantes aspectos de pigmentação.

Por aqui vê o senhor consulente que é grande a dificuldade em localizar com exactidão a origem do mal da sua videira. Consequentemente, tal incerteza, que de há já bastante tempo vem sendo preocupação das autoridades fitopatológicas portuguesas, impede de o podermos orientar neste ou aquele sentido.

No entanto, indague se se encontra generalizada a todo o vinhedo a vermelhidão das folhas; se é um, ou outro pé, que, dispersos no conjunto, apresentam tal coloração, e mesmo se foi este o primeiro ano em que apareceu tal «doença».

Por outro lado procure saber se a produção do vinhedo tem vindo a diminuir e, com tais elementos que nos enviará, poderemos com mais segurança fazer um diagnóstico. — *Benevides de Melo*.

COMBATE À PSILA DA OLIVEIRA

PERGUNTA — Envio uma amostra de folhas do meu olival que todos os anos é atacado pela doença que se nota nas referidas folhas. Como debelar essa doença?

RESPOSTA — O parasita que danifica o seu olival é a psila da oliveira (*Euphyllura olivina*).

Este insecto na fase larvar segrega uma substância cotonosa que recobre as folhas parasitadas, quase sempre localizadas nas extremidades dos lançamentos. Uma segunda geração, a mais danificante, poderá fazer incidir os seus estragos nas flores em via de abertura, sugando-as e provocando com as suas picadas o abortamento da flor.

O seu combate pode ser conduzido desde que se comece a verificar o aparecimento do parasita nos botões florais com pulverizações mistas simultâneas de insecticidas à base de óleo e Paration.

Assim, uma calda com a composição de:

Água	100 litros
Albolineum, Pomorol, etc.	1 litro
E 605 Forte.	1/2 decilitro

aplicada 2 vezes, com um intervalo de 15 dias, oportunamente reduzirá consideravelmente a incidência deste parasita.

Tenha presente que a calda que lhe recomendamos é, pelo Paration que contém, bastante venenosa razão por que deve com ela ter, quer com a sua manipulação e aplicação o maior cuidado. — *Benevides de Melo*.

FRUTEIRAS ATACADAS POR INSECTOS E FUNGOS

PERGUNTA — Envio 5 amostras de várias fruteiras a fim de as examinar e indicar-me o tratamento a fazer-lhes para debelar as doenças de que mostram estar atacadas.

RESPOSTA — *Pereiras e Macieiras* — O combate aos «afideos» que se encontram a parasitar as suas pereiras e macieiras pode ser conduzido por meio de

pulverizações repetidas feitas com a seguinte calda:

Água	100 litros
Malaxone, Malafide ou equivalente	1,5 decilitros

Futuramente, tenha presente que o combate a esta praga deve ser feito desde o início do seu aparecimento, para que se não venha a verificar a deformação da folhagem e ramos novos das fruteiras.

Ameixieiras — No momento actual já se nos afigura impossível recomendar-lhe qualquer fungicida para evitar as perfurações verificadas na folhagem desta espécie.

No Outono, ao cair da folha, aplique-lhe, em pulverização bem forte a toda a árvore, o seguinte tratamento:

Água	100 litros
Cal	2 quilos
Sulfato de cobre	2 »
Agral LN, Shelestol ou equivalente	1 decilitro

Mais tarde, em pleno Inverno, e posteriormente um mês antes de abrirem as primeiras flores, repita de igual forma o tratamento cúprico que atrás lhe deixamos preconizado.

Laranjeiras — A todas as laranjeiras, regadas de véspera, aplique a seguinte calda em pulverização:

Água	100 litros
Albolineum	2 »

Este tratamento, a aplicar já, deverá ser feito às horas de menor calor e repetido uma vez, decorridos 30 dias após a 1.ª aplicação.

A um metro do tronco destas fruteiras, a contar do solo, convém aplicar em pincelagem contra a formiga a seguinte calda:

Água	10 litros
Cloroxone ou equivalente	2 decilitros

— *Benevides de Melo*

PEREIRAS PARASITADAS POR UMA LARVA

PERGUNTA — As minhas pereiras encontram-se com a folhagem no estado em que terá ocasião de verificar pelas duas folhas que envio como amostra.

Que tratamento me aconselha a fazer para debelar esta praga?

RESPOSTA — A pequena larva que está a roer a folhagem das suas pereiras é a larva de *Caliroa limacina*, parasita que pode ser combatido desde já com a aplicação repetida dum insecticida de DDT feita de preferência com um produto polvilhável com aquela base.

Produtos de DDT como, por exemplo, o «Didimac 50» a 0,3 o/o em água, repetidos quinzenalmente até ao desaparecimento da praga, dão para o efeito e quando bem aplicados um resultado bastante satisfatório. — *Benevides de Melo*.

XIX

MEDICINA VETERINÁRIA

N.º 139 — Assinante n.º 44 603 — Moncorvo.

OVELHAS ATACADAS DE PEEIRA

PERGUNTA — Agradeço me informe qual o tratamento que devo fazer a umas ovelhas que posuo, fortemente atacadas de «peeira», e quais os cuidados que, futuramente, devo seguir para a evitar.

Devo informar que tenho usado o sulfato de cobre em pó e a tintura de iodo, mas o mal não tem cedido.

RESPOSTA — A peeira, é uma infecção das patas dos arietinos, que lhes causam bastantes prejuízos, sendo muitíssimo contagiosa.

Para o tratamento individual de poucas cabeças, usa-se o «desinfectante Cooper para o tratamento da peeira» (Foot-Rot-Paint).

Primeiramente aparam-se as unhas infectadas, e depois por intermédio dum pincel, aplica-se o desinfectante sobre as feridas.

Geralmente dois tratamentos bastam, para debelar o mal.

Para tratamento curativo dum grande rebanho e para proceder à profilaxia da doença usa-se outro produto «Cooper» «Arsenicol» para banhar as patas duas vezes por semana.

O primeiro medicamento vende-se em pequenas latas de $\frac{1}{2}$ pint, cerca de três decilitros, quantidade que se reputa suficiente para tratar 125 patas atacadas.

O Arsenicol, vende-se em embalagens de 1 litro e de 4,5 litros. As primeiras são para misturar a 80 litros de água e as segundas a 360 litros. — *Carrilho Chaves*.

XXIII

DIREITO RURAL

N.º 140 — Assinante n.º 35 642 — Torre D. Chama.

COMPRA DE ANIMAL DOENTE: VÍCIO R. DIBITÓRIO — ERRO:

PERGUNTA — Comprei na feira um animal magro, com o fim de o engordar, visto que o vendedor disse, na ocasião do contrato, que era fome e trabalho, havendo provas. O comprador pode pedir judicialmente a sua indemnização?

Tratei dele com cozimentos, medicamentos, farinhas e farelo, 6 meses (logo que conheci que estava doente); aos 6 meses de tratamento morreu.

O povo diz que na feira se podem fazer todas as injustiças, mas eu não quero crer.

Venho pedir o favor de me dizer o que tenho, agora, a fazer.

RESPOSTA — 1.º O caso do senhor consulente integra-se perfeitamente no conceito de vício redibitório do nosso antigo direito. Mas hoje em dia (artigo 1.582.º do Cód. Civil) o vício redibitório só é relevante quando tenha os pressupostos exigidos por lei para o erro.

2.º É certo, no entanto, que o decreto de 16-12-1886, alterou, quanto a certas moléstias de animais domésticos, o citado artigo 1.582.º (art. 58.º); mas como os prazos exigidos por esse decreto (art. 52.º) já estão decorridos, o problema é fundamentalmente o do erro de facto.

3.º Ora para que o erro seja relevante e permita a rescisão do contrato é necessário que:

a) seja essencial, isto é: a circunstância desconhecida pelo senhor consulente (a doença do animal) é de tal modo determinante que, se conhecesse o verdadeiro estado de coisas, não teria querido de modo algum concluir o negócio.

b) seja próprio, isto é: que seja ele a causa de nulidade do negócio e não a falta de qualquer requisito legal;

c) seja desculpável, isto é: aquele em

que caíria qualquer pessoa dotada de normal inteligência, experiência e circunspeção; aquele que não entre pelos olhos dentro.

(Este requisito é bastante duvidoso, no entanto tem sido aceite pela doutrina dominante).

Sendo assim, parece-me que, estando o caso do senhor consulente nestas condições, o negócio pode ser anulado.

4.º Acresce ainda que o artigo 661.º do Código Civil exige, para se produzir essa nulidade, que o enganado tenha declarado, ou se prove «pelas circunstâncias do mesmo contrato, igualmente conhecidas da outra parte, que só por essa razão e não por outra contratará».

5.º Ora parece claro que quem compra um animal espere encontrá-lo de saúde, só lhe interessando comprá-lo (e o vendedor não pode ignorar o facto) partindo-se dessa hipótese. Por consequência, parece haver erro relevante para produzir a nulidade do contrato (art. 656.º do Código Civil).

6.º E, segundo o art. 689.º do mesmo Código, a acção de rescisão pode intentar-se dentro de um ano «contado desde o dia em que o enganado teve conhecimento do erro». — *A. Pinheiro Torres*.

N.º 141 — Assinante n.º 42.003 — *S. Tomé*.

POSSE, DIREITO DE PREFERÊNCIA DO CO-HERDEIRO. PRESTAÇÃO DE CONTAS. BENFEITORIAS

PERGUNTA — *A* era proprietária algures em Viseu. Casou com *B*. Tiveram uma filha *C*.

A faleceu de parto. Os bens ficaram de *B* e *C*. *C* faleceu.

B foi para o Brasil, onde casou; deixou os bens de posse de seus pais, *D*.

D faleceram e ficou de posse (bem ainda dos outros bens que eram de *D*, divisíveis por todos) um irmão de *B*, isto há mais de 25 ou 30 anos. Esse irmão (passa a enumerar-se por *E*) de posse dos bens, nunca prestou contas, nem lhas pediram.

B faleceu no Brasil, deixando filhos menores, pelo que houve inventário e creio que também em Portugal por causa dos bens acima.

A mulher e filhos de *B* pretendem agora vender tudo de que *E* está de posse, alguns bens de certo indivisos, que pertenceram a *C*, mas consta que *E* diz que não entrega porque já tem posse, que tem direito de opção, fez benfeitorias, etc.

Como estou interessado em alguns desses bens, pretendia saber:

Em que partes *E* tem direito de opção? Só nos

bens indivisos consanguíneos ou que vieram à sua posse de origem *A*?

No caso de litígio, não é obrigado *E* a prestar contas desde que os pais faleceram?

Ainda havendo litígio, podia *E* gastar em benfeitorias mais que os rendimentos, se para tanto não foi autorizado?

Agradecia uma resposta circunstanciada e breve.

RESPOSTA — 1.º Partindo-se da hipótese de que não houve testamentos e, portanto, todas essas transmissões se operaram por força das normas legais vigentes, podemos sintetizá-las assim:

1.º Por morte de *A*, os seus bens transmitiram-se para *C*.

2.º Por morte de *C*, os bens transmitiram-se para *B*.

3.º Por morte de *DD*, *B* herdou os seus bens, em comum com *E* e outros (?).

Deste modo, *B* ficou com duas categorias de bens: *a*) os que eram originariamente de *A*; *b*) os que eram originariamente de *DD*.

2.º Por morte de *B*, todos os bens (de qualquer das categorias acima aludidas, porque não são de aplicar os artigos 1.235.º e 1.236.º do Cód. Civil) foram herdados pelos filhos do segundo matrimónio, que os pretendem agora vender.

3.º *B* alega estar de posse desses bens e não os entrega. Quanto a este ponto, parto do princípio que o senhor consulente, quando diz que *B* deixou os bens de posse de seus pais, pretende na realidade dizer que *B* os deixou para serem por eles administrados.

Ora, sendo assim, a posse de *E* não lhe confere nenhuns direitos, pois é posse em nome de outrem, a não ser que tenha havido inversão do título (art. 510.º do Cód. Civil). Esta inversão pode dar-se quer por facto de 3.º (exemplo: herança que lhe deixou um terceiro que é ou diz ser o verdadeiro dono desses bens), quer por oposição feita pelo possuidor ao direito daquele em cujo nome possuía e não repelida por este.

No entanto, segundo o art. citado, a prescrição só começa a correr desde a dita inversão do título.

Como o senhor consulente pode ver, só conhecendo exactamente todas as circunstâncias do caso me posso pronunciar acerca dos efeitos jurídicos da posse alegada por *E*. — *A. Pinheiro Torres*.



INFORMAÇÕES

Estado das culturas em 30 de Junho

Informação fornecida
pelo Instituto Nacional de Estatística

O tempo manteve-se praticamente seco durante o mês de Junho, com excepção dos primeiros dias, em que se registaram algumas quedas pluvio-

métricas por vezes acompanhadas de fortes trovoadas locais. As temperaturas, dum modo geral, foram superiores às normais da época, tendo-se registado, no entanto, durante as noites, um arrefecimento sensível.

Proseguiram os trabalhos de ceifa e debulha dos cereais de pragona, confirmando-se os resultados pouco satisfatórios destas culturas, não só no que respeita ao rendimento por unidade de superfície, mas também ao peso específico, principalmente nas regiões cerealíferas do Sul.

As colheitas já efectuadas nos batatais de sequeiro foram regulares, quer em qualidade quer em quantidade. Os de regadio apresentam-se bem desenvolvidos, embora por vezes se note alguma irregularidade nos nascimentos.

Os milhos de sequeiro ressentiram-se com a falta de chuvas e com as temperaturas relativamente elevadas registadas durante a maior parte do mês. Todavia, o seu aspecto é, dum modo geral, satisfatório, sobretudo nos locais onde a germinação decorreu regularmente. Os de regadio encontraram condições favoráveis ao seu desenvolvimento, uma vez que a temperatura lhes foi propícia e não faltou água de rega para satisfazer as necessidades da cultura.

Embora a área destinada às culturas de forragens tenha sido reduzida apreciavelmente, como é usual neste mês, para dar lugar às culturas de primavera, as condições de alimentação dos gados continuaram a ser muito favoráveis, relativamente a igual época de anos anteriores. Efectivamente, não só as pastagens naturais tiveram uma rebentação bastante regular, como as culturas forrageiras de regadio produziram cortes abundantes. Também a produção de fenos foi bastante elevada, lamentando-se apenas que as condições adversas em que decorreu a secagem tivessem prejudicado a sua qualidade.

O aspecto vegetativo das vinhas é geralmente satisfatório, esperando-se que a produção na maior parte das regiões venha a atingir volumes superiores aos do ano passado. O mildio (*Plasmopora viticola*, Berl e De Toni) e o oídio (*Uncinula necator*, Schw.), que em muitos anos provocam estragos importantes nas vinhas, ainda não causaram prejuízos assinaláveis no ano em curso, não obstante terem encontrado ambiente climático muito favorável ao seu desenvolvimento. Esta última circunstância obrigou os viticultores a multiplicar os tratamentos, e a este facto se deve o bom estado

Calendário de Agosto

Durante este mês a duração do dia é de 14 h. e 10 m. em 1, e de 13 h. e 5 m. em 31.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Segunda	5.39	19.48	14.10	0.13
2 Terça	5.39	19.47	15.16	0.56
3 Quarta	5.39	19.46	16.22	1.45
4 Quinta	5.40	19.45	17.23	2.41
5 Sexta	5.41	19.44	18.20	3.45
6 Sábado	5.42	19.42	19.11	4.52
7 Domingo	5.43	19.41	19.57	6.2
8 Segunda	5.43	19.40	20.38	7.12
9 Terça	5.45	19.39	21.15	8.22
10 Quarta	5.46	19.38	21.50	9.28
11 Quinta	5.46	19.37	22.25	10.32
12 Sexta	5.47	19.36	22.59	11.33
13 Sábado	5.48	19.34	23.35	12.31
14 Domingo	5.49	19.33	*	13.28
15 Segunda	5.50	19.32	0.12	14.23
16 Terça	5.51	19.31	0.57	15.16
17 Quarta	5.52	19.29	1.36	16.5
18 Quinta	5.53	19.28	2.22	16.51
19 Sexta	5.54	19.27	3.12	17.34
20 Sábado	5.55	19.25	4.4	18.13
21 Domingo	5.56	19.24	5.0	18.50
22 Segunda	5.57	19.22	5.56	19.25
23 Terça	5.57	19.21	6.55	19.58
24 Quarta	5.58	19.19	7.54	20.30
25 Quinta	5.59	19.18	8.54	21.3
26 Sexta	6.0	19.16	9.56	21.38
27 Sábado	6.1	19.15	10.58	22.14
28 Domingo	6.1	19.13	12.2	22.54
29 Segunda	6.2	19.12	13.6	23.40
30 Terça	6.3	19.10	14.10	*
31 Quarta	6.4	19.9	15.10	0.32

L. C. em 7 às 2 h. e 41 m.; Q. M. em 14 às 5 h. e 57 m.; L. N. em 22 às 9 h. e 16 m.; Q. C. em 29 às 19 h. e 25 m.

* Nestes dias a lua não nasce ou não se põe.

sanitário que, dum modo geral, apresentam as vinhas.

A produção dos olivais não será tão abundante como inicialmente se supunha, como consequência da polinização ter sido afectada pelas condições adversas do clima e por se ter verificado durante o mês a queda de muita azeitona.

A produção dos pomares também foi, dum modo geral, muito afectada pelas chuvas copiosas caídas durante a floração, verificando-se, principalmente nas espécies e variedades mais temporãs, que o vingamento dos frutos é bastante irregular.

O clima também teve influência desfavorável na frutificação dos montados.

A melhoria do tempo permitiu adiantar a plantação dos arrozais, embora frequentemente não tivesse sido possível recuperar por completo o atraso que se verificava anteriormente neste trabalho. Os dias de calor favoreceram o desenvolvimento das searas semeadas ou plantadas no devido tempo, que, por isso, apresentam bom aspecto vegetativo. As disponibilidades de água permitiram efectuar a rega em boas condições, prevenendo-se que não venham a sentir-se dificuldades nos tempos mais próximos.

Nas feiras e mercados foi regular o abastecimento de todos os produtos próprios da época, não se tendo notado oscilações apreciáveis nos respectivos preços, salvo nos da batata e do vinho, que tiveram uma baixa sensível, principalmente nas regiões do Norte e Centro.

Não se notaram crises de trabalho durante o mês, antes pelo contrário, em muitas regiões lutou-se com a falta de mão-de-obra para a execução de todos os trabalhos próprios da época, pelo que, dada a procura, os salários mantiveram um nível considerado elevado em relação às possibilidades financeiras dos pequenos e médios agricultores.

Boletim Meteorológico para a Agricultura

fornecido pelo

Serviço Meteorológico Nacional

2.ª década (11-20) de Julho de 1960

Influência do tempo nas culturas

As culturas hortícolas e as espécies arbustivas e arbóreas, especialmente as vinhas e os olivais, continuam com regular aspecto vegetativo, o mesmo sucedendo às searas de arroz. As culturas de sequeiro, sobretudo as das terras delgadas ou arenosas, continuam a ressentir-se da falta de chuva.

O bom tempo tem permitido que os trabalhos agrícolas se façam sem interrupções, estando por isso quase terminadas as ceifas em todo o Conti-

nente. Os trabalhos das eiras estão em plena actividade e procede-se à colheita do grão-de-bico e do chicharo.

Cotações de produtos hortícolas nos mercados Abastecedores de Lisboa, durante o mês de Junho

Produtos	Unidades	Oscilações de preços
Abóboras	Kg	1\$00 — 1\$20
Agriões	Dúzia 14	3\$00 — 7\$00
Aipos.	Molho	9\$00 — 12\$00
Alfices.	Dúzia 14	7\$00 — 9\$00
Alhos.	Kg	3\$50 — 5\$00
Alhos (franceses) . .	Molho	1\$70 — 2\$00
Batata doce	Kg	1\$60 — 2\$00
» nova	»	1\$15 — 1\$20
» estrangeira	»	1\$00
Beterrabas	Molho	1\$70 — 2\$00
Cebola (nova).	Kg	1\$60 — 2\$20
Cenouras.	Molho	4\$50 — 6\$00
Coentros.	»	1\$00 — 1\$50
Couve bacalã	Dúzia 14	10\$00 — 16\$00
» flor	Saco 30 kg	80\$00 — 100\$00
» galega	Molho	2\$00 — 4\$00
» murciana	Saco 50 kg	60\$00 — 90\$00
» portuguesa	Dúzia 14	8\$00 — 12\$00
» portuguesa	Molho	2\$00 — 2\$50
Ervilhas.	Kg	1\$80 — 3\$50
Espargo cultivado . .	Molho	10\$00 — 17\$00
Espinafres	»	2\$00 — 3\$50
Favas	Kg	1\$20 — 2\$00
Feijão verde.	»	1\$60 — 3\$20
Folhas de couves. . .	Molho	1\$50 — 2\$00
Grelos de couves . . .	»	1\$70 — 2\$50
» de navos	»	2\$00 — 2\$70
Hortelã.	»	1\$00 — 1\$50
Nabiças	»	1\$70 — 3\$00
Nabos.	»	4\$50 — 7\$00
Pepinos.	Dúzia 14	7\$00 — 13\$00
Pimentos	»	5\$00 — 14\$00
Rabanetes	Molho	1\$70 — 2\$50
Salsa	»	1\$00 — 1\$20
Tomates	Kg	1\$50 — 3\$70
» de Marrocos	»	5\$00 — 8\$00

A produção de milho em Angola

Segundo informes provenientes de Luanda, são consideradas excelentes as perspectivas da campanha do milho, prevenendo-se que se excedam as 141.612 toneladas — o montante da colheita do ano passado.

Da campanha de 1959-60, isto é, desde Maio de 1959, embarcaram-se cerca de 140.000 toneladas, das quais 58.000 para portos nacionais e 82.000 para portos estrangeiros.

Estão previstos ainda embarques de 2.433 toneladas para o Funchal e para Cabo Verde.

A UNIFA

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e R. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplocampas», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

Atlacide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T, embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDADORES DA

Companhia União Fabril

Rua do Comércio, 49 — LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 84 — PORTO

UM SEGURO CONTRA A SECA!

REGA POR ASPERSÃO
"MANNESMANNREGNER"



CONSULTE A FIRMA ESPECIALIZADA

3664

SOC. LUZIMPOR, LDA.

Rua Victor Cordon, 36, 1.º Esq.

Telef. 21689/28142 - LISBOA-2

ESTUDOS E ORÇAMENTOS GRÁTIS

ENTREGAS IMEDIATAS

H. KLEIN, L.^{DA}

Sucessores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

Produtos Enológicos — Taninos, gelatinas, produtos especiais para o tratamento, melhora-mento e clarificação de vinhos.

Derivados de Mosto de Uva do Douro — Mosto esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

Carvões vegetais activos — Para Enologia, Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177 — Vila Nova de Gaia

Telef. 390141 — Telegr. NIELK

1823

Fábrica de Passamanarias

(FUNDADA EM 1910)

Galões de seda para paramentos
de Igreja

Elásticos para suspensórios, calçado,
cintas, etc.

GARCIA, IRMÃO & C.^a L.da

Avenida Fernão de Magalhães, 1201

Telef. 41273

PORTO

3525

SEMENTES

1862

VER, OUVIR E CALAR... NÃO!

Veja, ouça... mas diga a toda a gente o que são e o que valem as nossas sementes. *Para semear já, recomendamos:*

ALFACES — BETERRABAS DE MESA E FORRAÇEM — COUVES PENCA — COUVES TRONCHUDA — COUVE LOMBARDA — COUVE BRÓCULO — COUVES FLORES — REPOLHOS — CENOURAS — RABANETES — ESPINAFRES — PINHÕES — TOJOS — QUISTAS — LUZERNA — TREVO ENCARNADO — TREVO SPADONI — TREVO BERSIM — TREVO DA PÉRSIA — EUCALIPTOS — LAWN-GRASS — RAY GRASS — ETC., ETC.

E TODAS AS VARIEDADES DE FLORES DE SEMENTE E BOLBOS

Se desejar semear e colher... prefira as sementes que, com todo o scrúpulo, lhe fornecemos

A «SEMENTEIRA» de Alípio Dias & Irmão

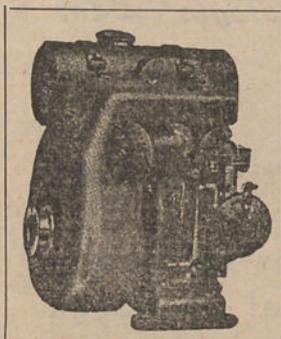
Rua Mouzinho da Silveira, 178 — Telef.: 27578 e 33715 — PORTO

Catálogo Ilustrado — Em distribuição grátis



Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40
1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-À NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
Telef. 53393 3532

Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, L.^{da}

PORCELANAS PARA USOS
DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS
DECORATIVAS E ELÉCTRICAS

A sua produção é considerada
a melhor e a mais artística,
rivalizando, em qualidade,
com as estrangeiras.

LISBOA
Largo do Chiado, 18
PORTO
Rua Cândido dos Reis, 18

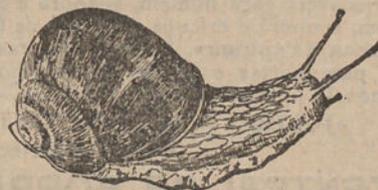
E À VENDA NOS ESTABELECIMENTOS
DA ESPECIALIDADE

1850

Os produtos da

UMUPRO

LYON—FRANÇA



HELICIDE GRANULÉ—Produto eficaz-
simo na extinção dos caracóis, à base de
metaldeído;

UMUCORTIL GRANULÉ—Para combate
aos ralos, à base de clordane;



são distribuídos em Portugal por

Ferreira, Rio & C.^a, L.^{da}
Rua do Almada, 329-1.º—Telef. 23007—PORTO

3189

BENZANE EUREKA

À BASE DE BENZOL

Desinfectante a seco, especial para combater a

CÁRIE ou FUNÇÃO do TRIGO

* Não é tóxico

* Não levanta poeiras incomodativas

* Eficiência comprovada

* Muito económico

Estimula a germinação 3509

À VENDA EM TODO O PAÍS

INSECTICIDAS ABECASSIS
Soluvol, Lda.

Campo Grande, 189 — LISBOA — Telef. 790916

OENOL

*Sociedade Portuguesa
de Oenologia, Lda.*

Importadores - Armazenistas

DE

Produtos Enológicos
Material de Adega

E

Material de Laboratório

LISBOA — Rua da Prata, 185, 2.º
Telefones: 2.8011 - 2.8014

TUBAGENS PLÁSTICAS

Mangueiras em borracha ou plástico para: pulverização, rega de jardins, vinhos, ácidos e canalização de água potável. chupadores de borracha ou em plástico, etc. Telas em plástico ou borracha. Assentos em plástico para retretes. Baldes, jarros, bacias, funis. Capas e fatos impermeáveis para homem, senhora e criança, etc. Botas de borracha «Dunlop» e nacionais para homem, senhora e criança em todos os tipos. Bonecas de borracha. Colchões e almofadas em borracha «Espuma». Bolas e câmaras de ar para Futebol. Vedantes esponjosos e não esponjosos para portas e janelas de automóveis e casas, capas para pedais, etc. Tapete estriado para automóveis. Suportes para telefones. Meias elásticas, etc. Borrachas para todos os fins.

«JULINA» A MELHOR TINTA A ÁGUA PARA PAREDES INTERIORES

Baldes plásticos de 6 a 7 litros a Esc. 13\$50

A CENTRAL DA BORRACHA

DE = **Armindo Mendes**
Trav. dos Clérigos, 1 a 5 — PORTO — Tel. 27535

O MELHOR CAFÉ
É O DA

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Telefones, 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ

Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para os animais domésticos

Com o desinfectante **ZAP** as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno . 12\$50 * Frasco grande . 50\$00

Vende-se em todas as farmácias, drogas, aviários, etc.



DISTRIBUIDORES
GERAIS:

Vicente Ribeiro
& C.ª

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Dt.º
LISBOA



Marca registada

Quem veste de ruim pano . . .

Compra uma bomba por ano . . .

Sim, mas este é dos felizes e não usa
BARRETE... comprou uma moto-bomba

"RIMAC"

A bomba que tem FAMA, porque dura uma vida,
tira água quando é preciso e rega pelo preço da Chuva.

"RIMAC"

é construída inteiramente de ferro e
Vale muito mais do que custa.

Acessórios de origem para todos os motores "Clinton"

MARTINS DE CARVALHO

Rua da Madalena, 138-144 — LISBOA

3686

Jeep®



WILLYS

O VEÍCULO PARA
TODO-TERRENO
CONSTRUÍDO EM
MAIOR NÚMERO
EM TODO O
MUNDO E PREFE-
RIDO PARA TO-
DOS OS SERVI-
ÇOS, DEVIDO À
SUA INCOMPA-
RÁVEL RESIS-
TÊNCIA E VER-
SATILIDADE DE
DE APLICAÇÃO

ÚNICOS REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES GERAIS
IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, LDA.

(I C A L)

Avenida da Liberdade, 35-1.º — LISBOA

3427

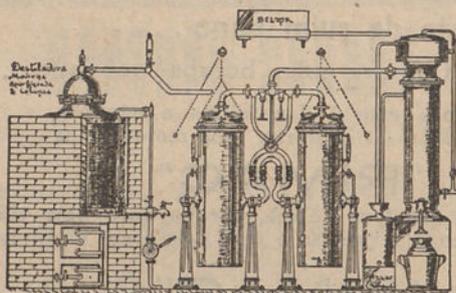
SULFATO DE COBRE

NACIONAL-INGLÊS

A Lavoura Nacional abastece-se no seu grande
fornecedor através de Grémios, Armazenistas, etc.

A. D. OLIVEIRA MAGALHÃES
Rua Santos Pousada, 113 — Telef. 50056 — PORTO

3645



3677

Oficina Manufactora de Caldeiraria

Destiladoras contínuas, Alambiques Deroy e de coluna ao lado, Destiladores de água, Serpentinhas, Esquentadores e Cilindros eléctricos para aquecimento de água e Braseiras de cobre e latão, simples e artísticas, etc.

Caldeiras para a indústria de Lacticínios, Tinturaria, Lagares, etc.

Belmiro Pinto de Mesquita

59, R. dos Caldeireiros, 61 — PORTO — Tel. 24073



Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, Limitada

O estabelecimento Hortícola mais antigo e completo da Península

Fundado em 1849

*Adubos para todas as culturas — Fórmulas químicas e químico orgânicas — Árvores florestais e de fruto — Oliveiras e videiras — Distintas variedades, rigorosamente seleccionadas — Sementes de horta e forragens — Acabamos de receber dos nossos antigos fornecedores do Estrangeiro, verdadeiramente seleccionadas e com todas as garantias, sementes de Horta e Forragens, a preços razoáveis * Balata de semente — Anualmente importamos batata de semente, devidamente certificada, das variedades mais produtivas e mais acreditadas no nosso País.*

Catálogos grátis a quem os requisitar

2096

QUINTA DAS VIRTUDES

Rua Azevedo de Albuquerque, 5 — PORTO
Telefone, 21632 Telegramas: HORTICOLA — PORTO



À LAVOURA

PODEROSO INSECTICIDA para todas as culturas

Pó Flecha D. D. T. a 5%, a 10%, a 20% e 50%.

Pó Flecha Lin-Exano a 6 e 10% de LINDANE

Pó Flecha-Exano a 1 e 6% de B. H. C.

Emulsão Flecha-Clor à base de chlordane

Emulsão Flecha-B à base de Lindane

Fungicida Cobregran 50 — 50% de cobre «à base de Malation»

Para o extermínio das pragas das Vinhas, Batatais, Hortas e Pomares

À VENDA NAS BOAS CASAS

Tudella & Esteves, Lda. — Praça da Alegria, 40-A — LISBOA

3661

NOVIDADES * UTILIDADES

— mandarim —

PORCELANAS * CRISTAIS * FAIANÇAS

Lisboa — 141-R. Augusta - 145 — Telef. 22407 (PBX)
Porto — 12-Santa Catarina - 20 — Telef. 27239

2906

O Caminho de Ferro é o transporte ideal, pois é seguro, rápido, prático e económico.

1593



Ácidos Cítrico e Tartárico * Metabisulfito de Potássio * Taninos "DYEWOOD" * Solução Sulfurosa * Calgonit * Soda em Cristais * Sebos para Empostigar * Wino * Parafinas, etc.

Mustímetros * Glucómetros * Areómetros * Gluco-Enómetros * Termómetros * Acidímetros * Ebuliómetros * Vinómetros, etc.

Mangueiras de Borracha e de Plástico * Filtros * Bombas * Enchedores * Gaseificadores * Rolhadores * Tesouras para Poda.

3546

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

Telefone, 28093
Teleg. Guipeimar

VINHOS

3593

Todos os produtos legalmente autorizados para a indústria vinícola

Material de Adega e acessórios para todas as aplicações

Material de laboratório, reagentes e análises
TUDO PARA A VITI-VINICULTURA

Consultar sempre:

A. DUARTE

(Organização Técnica de Enologia)

Rua do Arsenal, 84-2.º Esq. — LISBOA 2
Telefone, 366284

2645



SOGERE

Sociedade Geral de Representações Lda

PORTO — Rua Infante D. Henrique, 36-1.º, Esq.º — Tel. 24720
LISBOA — Avenida Guerra Junqueiro, 12-3.º, Dt.º — Tel. 725.728

Tratamento e conservação do

MOSTO

PRODUTOS ENOLÓGICOS
MATERIAL DE LABORATÓRIO

ANÁLISES

Recomendamos para colagens a Gelatina «SPA»

541

Para bem colher é preciso bem semear,

mas cautela, não esqueça que só com boas sementes se conseguem os bons produtos.



O CENTRO AGRICOLA que à sua secção de sementes vem já há tempos a dedicar o seu melhor cuidado, nomeadamente na selecção dos seus fornecedores, lembra aos seus Clientes que, nesta época, se faz a sementeira de:

Alfaces, Acelgas, Agriões, Beterraba para mesa e para forragem, Couves pencas, tronchudas, lombardas, de repolho, de couve-flor, Cenouras, Espinafres, Nabos, Rabanetes, bem como, ainda, de Azevém, Luzerna, Serradela, Trevos, Tremoço, etc., etc., e, ainda, das mais belas flores para cultura no Outono.

Quer ser servido com honestidade e com as melhores sementes? Faça os seus pedidos ao

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

ADUBOS—MÁQUINAS—SEMENTES

Rua de Santa Catarina, 309—PORTO
Telef. 25865/25866—Teleg. «Agros»

Catálogo grátis em distribuição e preços especiais aos senhores «REVENDEDORES».

AVERY

2876

A MARCA COM MAIS DE 225 ANOS DE EXISTÊNCIA

Balanças * Bâsculas * Medidoras para petróleo, azeite e óleo * Cortadores para fiambre * Moinhos para café * Picadoras

MODELO A. 952

Capacidade—10 quilos
Mostrador—1 quilo
Divisões—5 gramas

Balança semi-automática precisa, moderna e de elegante apresentação

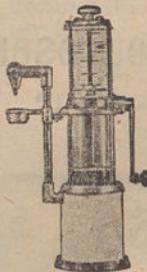


MODELO M4CH

Medidora para Petróleo, Azeite e Óleo

Medição rigorosa e automática nas capacidades de 1/2 e 1 decilitros, 1/8, 1/4, 1/2 e 1 litro

ESMALTADA A BRANCO
RÁPIDA E HIGIÊNICA
ELEGANTE, ROBUSTA E EFICIENTE



AVERY PORTUGUESA, L. DA

SEDE—LISBOA—Rua Braamcamp, 66-70—Telef. 42001

FILIAL—PORTO—Rua D. João IV, 23—Telef. 22144

AGÊNCIAS } COIMBRA—Rua da Sofia, 164—Telef. 4512

FUNCHAL—R. Ferreiros, 18—Telef. 318.2286

Viveiros da Quinta de S. Miguel

A maior selecção de barbados americanos, de todas as variedades e para todos os terrenos, bem como árvores de fruto rigorosamente seleccionadas e desinfectadas.

Suínos de pura raça YORKSHIRE (LARGE WHITE). Galinhas de raça PLYMOUTH ROCK BARRADA e LIGHT SUSSEX. Perús MAMMOUTH e patos KAKI-CAMPBELL e PEKIN. Novilhos e novilhas, pura raça holandesa, e outros melhorados pelo sangue da mesma raça.

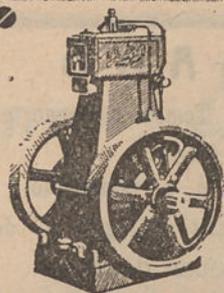
No seu próprio interesse, visite os nossos viveiros, onde poderá admirar os maravilhosos frutos da nossa colecção de «pés-mães». — Peça catálogo grátis.

Sociedade Agrícola "Quinta de S. Miguel", L.da

Carreira—Silveiros (Minho)

3684

Telef. 71—NINE



MOTORES A ÓLEO BAMFORD

O MELHOR
MOTOR INGLÊS
PARA A
AGRICULTURA
E PEQUENA
INDÚSTRIA

DIESEL
RESISTENTES
SIMPLES
FACEIS DE
MANEJAR
ECONÓMICOS
GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.^{da}
14 - R. dos Corneiros - LISBOA
12 - P. da Batalha - PORTO
MECÂNICA E ELECTRICIDADE
EM TODAS AS APLICAÇÕES

Desde 3 1/2 HP - 600 R.P.M.

1149

Para
os seus
seguros...

Consulte
a

Corporação
Internacional
de Seguros

Avenida dos
Aliados, 54-2.º

PORTO

1880

SEGUROS
EM TODOS
OS RAMOS

TUGON - disco-bola-isca
F. Mat. Mata-Moscas - Dis. le tue-mouches

Tugon
disco-bola-isca

BAYER mata-moscas

8682

Produtos V.A.P. - Portugal

(Fórmulas inéditas)

GLYCOL

(O ideal da pele)

O único preparado que realiza a máxima beleza, dando à pele o raro encanto da mocidade

V
A
P

VAP

(Elixir dentífrico concentrado)

Um sonho realizado: aroma sedutor, frescura inextinguível e higiene máxima

À VENDA NAS MELHORES CASAS DO PAÍS

Deposítários Gerais: **Ventura d'Almeida & Pena** - Rua do Guarda-Mor, 20-3.º - Esq. - LISBOA
ENVIAMOS ENCOMENDAS PELO CORREIO À COBRANÇA

1508

MOBILIÁRIO USADO

em todos os géneros, para todos os aposentos.

Temos moderno e antigo.

Temos mobiliário em todos os tamanhos e para todos os preços.

Na nossa casa compra o rico, o pobre e o remediado.

Também fabricamos qualquer modelo por encomenda e fazemos entregas ao domicílio.

VENDAS, TROCAS E COMPRAS DE MÓVEIS DE QUALQUER GÉNERO.

ANTIGUIDADES E TUDO DE VALOR.

A **Casa das Móveis Usadas** do Porto é na Travessa de Cedofeita, 46 — Telefone, 25756.

3605

Visite V. Ex.^a a

**Ourivesaria
Aliança**

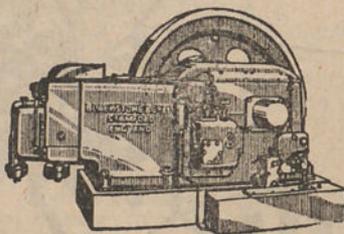
onde encontrará

Jóias, Pratas,
Mármore e Bronzes

a preços fixos.

PORTO 3056
191, R. das Flores, 211

Filial em LISBOA:
R. Garrett (Chiado), 50



PARA:

- DEBULHADORAS
- LAGARES DE AZEITE
- MOAGENS
- BOMBAS

MOTORES DIESEL

Lister-Blackstone

Pinto & Cruz, Limitada

Rua de Alexandre Braga, 60-64 — Telefone, 26001/2 — PORTO

3177

Mangueiras Plásticas

de 1/2 polegada
desde 4\$00 o metro

TUBOS para condução de águas e regas de jardins

ARTIGOS PARA PRAIA: Toucas, barbatanas, bolas, etc.

DURMA BEM!! NUM COLCHÃO DE BORRACHA «ESPUMA»
O MAIS CONFORTÁVEL E HIGIÊNICO

TINTAS PLÁSTICAS «SINAMUR»

3683

BOTAS de borracha para campo ou caça * FATOS de oleado

A CENTRAL DA BORRACHA

Travessa dos Clérigos, 1 a 5

Telefs.: 27535 e 35953

PORTO

Cruz, Sousa & Barbosa, L.^{da}

Papéis e Máquinas Gráficas

R. S.^{to} António, 165 — PORTO

Telefs. 27656 e 27657

PASTAS Comerciais e de Estudantes
MALAS em couro, chapeadas e para avião

CONSERVAM-SE MALAS
— NÃO CONFUNDIR —

José Apolinário

31-Rua do Loureiro-33
(Pegado à Pensão de S. Bento)

TELEPHONE, 23636 — PORTO



1943

1943

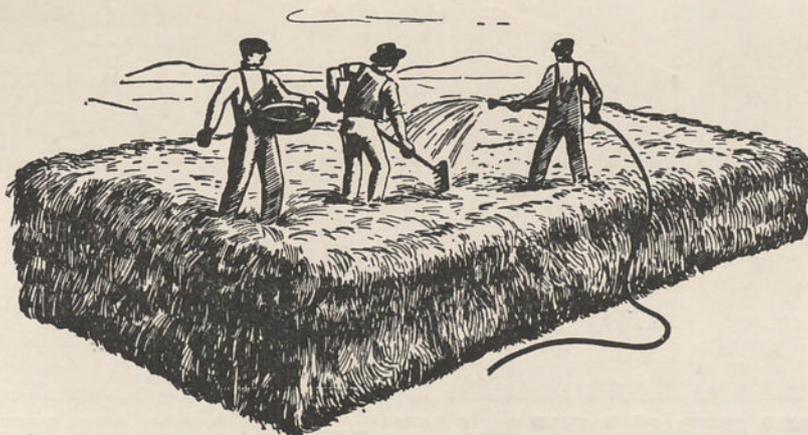
Snr. Lavrador

A matéria orgânica é indispensável para se obterem bons rendimentos.

Transforme as suas palhas em óptimo estrume utilizando

CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)

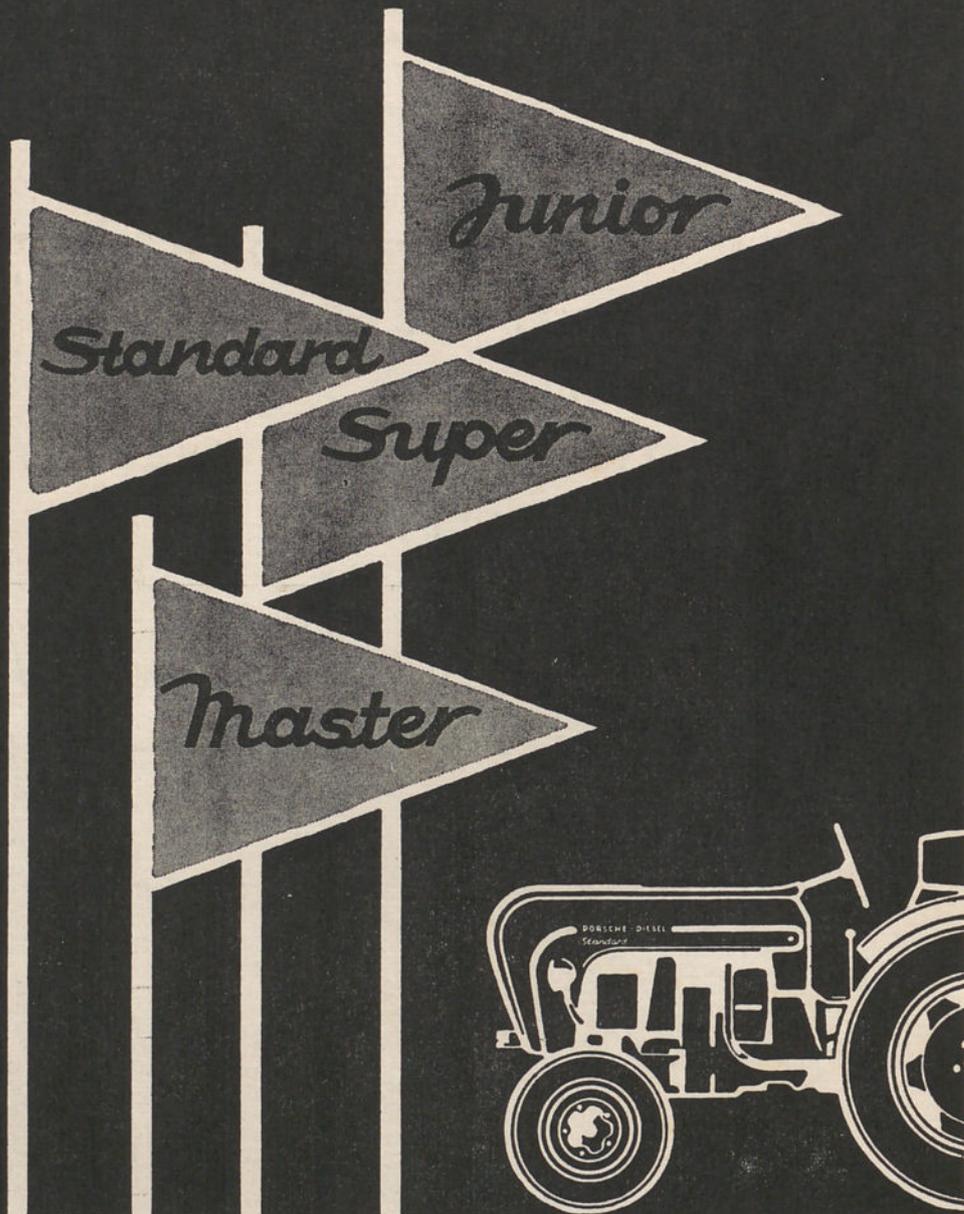


COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA—TELEFONE 368989



PORSCHE-DIESEL

DISTRIBUIDORES GERAIS: J. J. GONÇALVES SUCRS.

15-27-41 E 55 HP-SAE

UM MODELO PARA CADA FIM
(75% DAS PEÇAS DO MOTOR INTERMUTÁVEIS)

- REFRIGERAÇÃO POR AR • BLOCAGEM DO DIFERENCIAL • EMBRAIAGEM HIDRÁULICA
 - CILINDROS INDEPENDENTES
- PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO —

LISBOA • ÉVORA • PORTO • AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS